Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Biológicas
Curso de Mestrado em Bioquímica

DETECÇÃO DE BETA-LACTAMASES DE ESPECTRO ESTENDIDO EM ISOLADOS CLÍNICOS BACTERIANOS

EDUARDO ANTONIO MACIEL DE SOUSA SILVA

RECIFE
2006

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Biológicas
Curso de Mestrado em Bioquímica

DETECÇÃO DE BETA-LACTAMASES DE ESPECTRO ESTENDIDO EM ISOLADOS CLÍNICOS BACTERIANOS

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Bioquímica do Centro de Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Bioquímica.

Aluno: Eduardo Antonio Maciel de Sousa Silva

Orientadora: Profª. Drª Vera Lúcia de Menezes Lima
Co-orientadora: Profª Drª Márcia Maria Camargo de Morais

RECIFE
2006

Silva, Eduardo Antonio Maciel de Sousa

Detecção de Beta-lactamases de espectro estendido em isolados clínicos bacterianos / Eduardo Antonio Maciel de Sousa Silva. – Recife: O Autor, 2006.

v, 56 folhas : il., fig., tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCB. Ciências Biológicas. Bioquímica, 2006.

Inclui bibliografia, anexo e apêndice.

1. Enzimas 2. Beta-lactamases (ESBL) 3. Escherichia coli 4. Klebsiella pneumoniae I. Título.

577.15 CDU (2.ed.) UFPE
572.7 CDD (22.ed.) CCB – 2006 - 018

Ata da defesa de dissertação do Mestrando **Eduardo Antonio Maciel de Sousa Silva,** realizada em 22 de fevereiro de 2006, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Bioquímica

Às 09:30 horas, do dia 22 de fevereiro de 2006, foi aberto, no Auditório Prof. Marcionilo Barros Lins, Depto. de Bioquímica/CCB/UFPE, o ato de defesa de dissertação do mestrando **Eduardo Antonio Maciel de Sousa Silva**, aluno do Curso de Mestrado em Bioquímica/CCB/UFPE. Iniciando os trabalhos a Profa. Dra. Patrícia Maria Guedes Paiva, Vice-Coordenadora do Curso supra citado, em substituição por motivo de doença, a Profa. Dra. Vera Lúcia de Menezes Lima, fez a apresentação do aluno, de sua orientadora Profa. Dra. Vera Lúcia de Menezes Lima, de sua Co-orientadora, Profa. Dra. Márcia Maria Camargo de Morais e da Banca Examinadora composta pelos professores doutores: Luana Cassandra Breitenbach Barroso Coelho, na qualidade de Presidente, do Depto. de Bioquímica/CCB/UFPE, Márcia Maria Camargo de Morais, do Depto. de Patologia/ICB/UPE e Ana Catarina de Souza Lopes, do Depto. de Medicina Tropical/UFPE. Após as apresentações, a Profa. Dra. Patrícia Maria Guedes Paiva passou a palavra a Presidente da Banca que convidou o aluno para a apresentação de sua dissertação intitulada: **"Detecção de Beta-Lactamases de Espectro Estendido em Isolados Clínicos Bacterianos",** e informou que de acordo com o Regimento Interno do Curso, o candidato dispõe de até 50 (cinqüenta) minutos para apresentação do trabalho e o tempo de argüição para cada examinador, juntamente com o tempo gasto pelo aluno para responder às perguntas será de 30 (trinta) minutos. O aluno procedeu a explanação e comentários acerca do tema em 25 (vinte e cinco) minutos. Após a apresentação do mestrando, a Sra. Presidente concedeu um intervalo de 15 minutos. Reiniciando os trabalhos, a Sra. Presidente convidou a Banca Examinadora para ocupar seus lugares e passou a palavra ao primeiro examinador, Profa. Dra. Márcia Maria Camargo de Morais, que agradeceu o convite, fez alguns comentários e deu algumas sugestões, iniciando sua argüição. Ao final, a referida professora deu-se por satisfeita. Em seguida, a Sra. Presidente passou a palavra para a Profa. Dra. Ana Catarina de Souza Lopes, que agradeceu o convite, fez alguns comentários e sugestões, e iniciou sua argüição. Ao final, a referida professora deu-se por satisfeita. Em seguida, a Sra. Presidente usou da palavra para tecer alguns comentários, agradecer à Banca Examinadora e parabenizar o candidato. Finalmente, a sessão foi suspensa para proceder ao julgamento pela Banca Examinadora, a qual se reuniu na Secretaria do Curso. Após alguns comentários, a Banca decidiu, por unanimidade, conceder a menção **"Aprovado com Distinção"**. Nada mais havendo a tratar, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, Secretário, e demais membros da Banca Examinadora. Recife, 22 de fevereiro de 2006.

DEDICATÓRIA

À Deus nosso Pai Maior de infinita bondade e sabedoria que através da sua lei manifesta sua justiça e amor para o crescimento de nossas vidas dando-nos a oportunidade de crescer em ciência e em moral visando incansavelmente o progresso da humanidade.

Aos meus pais Severino Arruda e Aurinete Maciel que apesar de não terem mais o corpo carnal, mas temos a certeza de estarem em espírito orientando-nos, instruindo-nos, esclarecendo-nos nas diversas situações da vida.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, a minha irmã Isabela e a minha noiva Ana Paula, pela paciência, orientação e ajuda na elaboração deste trabalho. Amo-te muito Mozão!

As Pessoas que fazem o Curso de Mestrado em Bioquímica do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Mirón, Djalma, entre outras pessoas pela compreensão, paciência, companheirismo nos momentos de dificuldades para a realização de mais uma etapa importante da minha vida.

A minha orientadora e coordenadora do curso Profª. Vera Lúcia de Menezes Lima pela, pela ajuda nos momentos de dificuldade, paciência, aprendizado e por sua amizade para que esse trabalho fosse realizado com sucesso.

A Profª Márcia Maria Camargo de Morais, co-orientadorta deste trabalho, pela amizade, confiança e apoio indispensável e inestimáveis, sem os quais não teria sido possível a conclusão deste trabalho

A Profª Marinalda Vilela pelo acesso ao Laboratório de Biologia Molecular, a todos os estagiários pela paciência, dedicação e por sua amizade em todos os momentos.

Aos meus amigos

A todas as pessoas que de algum modo participaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE ABRAVIATURAS

bla $_{CTX}$ – beta lactamase CTX

bla $_{SHV}$ – beta lactamase SHV

bla $_{TEM}$ – beta lactamase TEM

ESBL – beta-lactamase de espectro estendido

NCCLS – National Committee Clinical Laboratory Standards

PCR – Reação em cadeia da Polimerase

Da – Dalton

UTI – urinary tract infection

ITU – infecções do trato urinário

RESUMO

As beta-lactamases de espectro estendido estão em expansão mundial, conferindo em isolados clínicos importantes fenótipos de multi-resistencia em bactérias que abrigam estas enzimas. Pacientes com infecção urinária (ITU) são principalmente infetados pelas *E. coli* e *K. pneumoniae*, que são as principais produtoras das ESBLs (beta-lactamases de espectro estendido). Neste trabalho, nós analisamos a presença de ESBL produzidas pela *E. coli* e *K. pneumoniae* em isolados de ITU de origem nosocomial e em comunidade. Padrões de suscetibilidade e a presença de genes de ESBL para SHV, TEM e CTX foram estudados em amostras de ESBL positivas. Os resultados mostraram que as cepas produtoras de ESBL estavam presentes em 25% das amostras de ITU nosocomiais e 9.3% nas de comunidade. As ESBLs esteve presente em 12.2 e 18.2% dos isolados de *E. coli* e de K.*pneumoniae*, respectivamente. Foram descobertos genes de ESBL em isolados de origem nosocomial e em comunidade. Todos os isolados que carregam os genes de ESBL apresentaram fenótipos de multi-resistência que alertam à necessidade de vigilância contínua nas ITU.

Palavras-chave: ESBL, infecções do trato urinário, *E.coli, K. pneumoniae*

ABSTRACT

Extended spectrum beta-lactamases are already wideworld spreaded, conferring clinical important multi-resistance phenotypes to bacteria harboring those enzymes. Patients with UTI are mainly infected with *E. coli* and *K. pneumoniae*, the most frequent ESBL producing strains. In this work, we analysed the presence of ESBL producing strains of *E. coli* and *K. pneumoniae* isolated from nosocomial and acquired-community UTI. Susceptibility patterns and the presence of ESBL genes SHV, TEM and CTX were studied in ESBL positive strains. The results showed that ESBL producing strains were present in 25% of nosocomial and 9.3% of acquired-community UTIs. ESBLs were produced by 12.2 and 18.2 % of *E. coli* and *K. pneumoniae* isolates, respectively. ESBL genes were detected in both nosocomial and community-acquired isolates. All the isolates carrying multiple ESBL genes showed multi-drug resistance phenotypes, which alerts to the necessity of continuous surveillance programs in UTIs

Key words: ESBL, urinary tract infections, *E.coli, K. pneumoniae*

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 BETA-LACTAMASES

As beta lactamases têm sido designadas pelo Comitê de Nomenclatura Internacional em Bioquímica (Nomenclature Committee of the International Union of Biochemistry) como enzimas que hidrolisam amidas, amidinas ou outras pontes C-N, separando as amidas cíclicas do anel beta-lactâmico (Fig. 01). Algumas beta-lactamases utilizam zinco para romper o anel beta-lactâmico; entretanto, a maioria age via éster de serina (GHUYSEN, 1993).

Primeiramente a enzima associa-se de forma não covalente ao anel beta-lactâmico do antimicrobiano, e então o radical hidroxila livre do resíduo de serina presente no sítio ativo da enzima, ataca o anel beta-lactâmico, formando uma ligação covalente acil-éster. A hidrólise do éster formado libera a enzima ativa e os antimicrobianos hidrolisados e inativos (LIVERMORE, 1995).

1.2 HISTÓRICO DAS BETA-LACTAMASES

A emergência da resistência aos antibióticos beta-lactâmicos iniciou-se logo após o desenvolvimento do primeiro antibiótico beta-lactâmico, a Penicilina, extraída do fungo *Penicillium* sp. (Fig. 02) A primeira produção de Beta-lactamase foi detectada em *Escherichia coli* (Fig. 03) antes mesmo da redução do uso medicinal da Penicilina. O uso da Penicilina favoreceu uma grande emergência de resistência em *Staphylococcus aureus* através de plasmídios contendo genes da Penicilinase. Esta beta-Lactamase rapidamente se disseminou e é muito encontrada atualmente em isolamentos clínicos de *Staphylococcus aureus* e em outras espécies do gênero *Staphylococcus* (ABRAHAM, 1940).

Nas últimas décadas têm surgido "novas beta-lactamases", sendo que, atualmente, mais de 340 tipos são conhecidas (SHAH *ET AL.*,2004). Entre os vários tipos encontrados em enterobactérias, as enzimas derivadas de TEM e SHV, são as mais freqüentes. Mutações nos genes que codificam as beta-lactamases TEM e SHV podem expandir o espectro de atividade dessas enzimas, tornando-as capazes de hidrolisar penicilinas, cefalosporinas (exceto cefamicinas: cefoxitina e cefotetan), incluindo as de amplo espectro (ceftazidima, ceftriaxona, cefotaxima) e aztreonam sendo chamadas de beta-lactamases de espectro ampliado (ESBL). As ESBLs são predominantemente derivadas de TEM e SHV; no entanto, algumas enzimas do tipo OXA e CTX-M também mostram atividade contra esses antimicrobianos (BRADFORD, 2001).

1.3 ANTIMICROBIANOS BETA-LACTÂMICOS

Os beta-lactâmicos representam a classe mais variada e amplamente utilizada de antimicrobianos. A estrutura básica (Fig. 01) consiste um anel de tiazolidina (B) conectado a um anel beta-lactâmico (A) que se liga a uma cadeia lateral (R). Este grupo que inclui penicilinas, cefalosporinas, monobactâmicos e carbapenêmicos é responsável por aproximadamente 50% dos antimicrobianos utilizados de forma sistêmica, devido principalmente à sua baixa toxicidade e a grande variedade de compostos disponíveis.

A classificação mais utilizada é baseada nas diferenças estruturais do antimicrobiano; porém, subdivisões baseadas no espectro de atividade e na estabilidade dos compostos frente aos mecanismos de resistência bacteriana vêm sendo utilizadas (LIVERMORE, 1991). De acordo com a estrutura e espectro de atividade as penicilinas com ação contra Gram -negativos são divididas em aminopenicilinas (e.g. ampicilina), carboxipenicilinas (e.g. carbenicilina) e ureidopenicilinas (e.g. piperacilina). As cefalosporinas são divididas em cefalosporinas de primeira (e.g. cefalotina); segunda (e.g. cefoxitina), terceira (e.g. ceftazidima, cefotaxima e ceftriaxona) e quarta geração (e.g. cefepime). Outros grupos de antibióticos beta-lactâmicos são os monobactâmicos e carbapenêmicos (LIVERMORE, 2001).

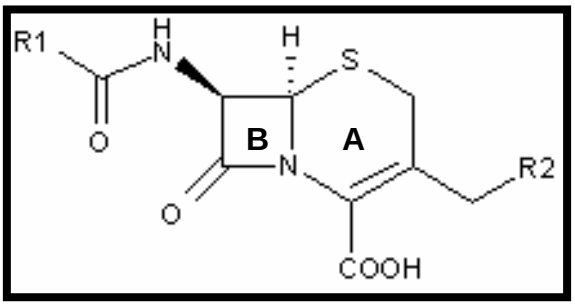


Figura 1 – Estrutura plana do antibiótico beta-lactâmico.
(www.google.com.br)

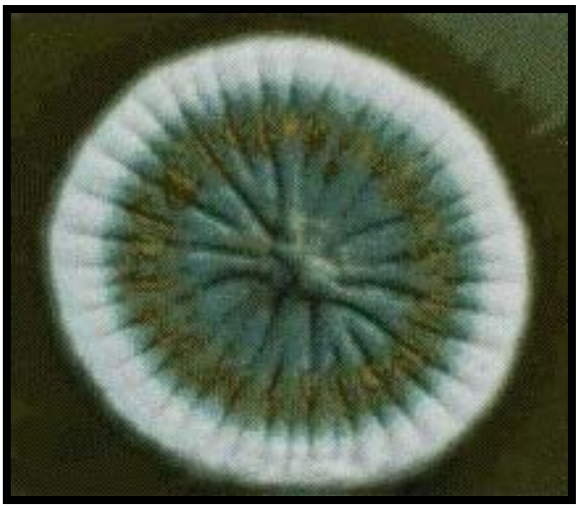


Figura 2 – Colônia de *Penicillium* sp.
(www.google.com.br)

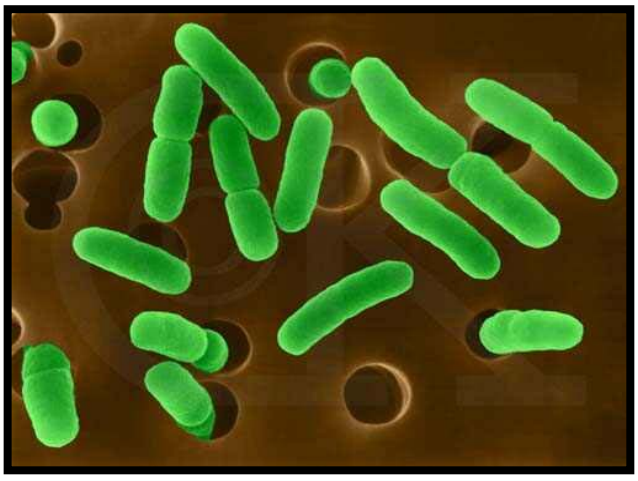


Figura 3 – Bacilos de *Escherichia coli.*
(www.google.com.br)

Os beta-lactâmicos são úteis e prescritos com freqüência na prática terapêutica, inibindo a síntese da parede celular bacteriana formada de peptídeoglicano. As cefalosporinas de terceira e quarta-gerações, monobactamicos e carbapenemicos são os beta-lactâmicos mais utilizados no tratamento de infecções causadas por enterobactérias (Menezes et al., 2000).

Portanto, uma maneira de impedir a ação destes antimicrobianos é a inativação destas drogas através de enzimas produzidas por estes microrganismos. Conseqüentemente, a sua atividade terapêutica torna-se ineficaz e a bactéria não é eliminada no local da infecção (SOUSA Jr., 2003).

Em geral, nas bactérias gram-positivas, estas enzimas são secretadas no meio extracelular. Dessa forma irão demonstrar uma atividade menor que as enzimas produzidas pelas bactérias gram-negativas, pois nestas, as beta-lactamases encontram-se estrategicamente situadas no espaço periplasmático, podendo alcançar maiores concentrações e agirem de modo mais eficiente sobre o anel beta-lactâmico. Esta inativação provoca a abertura do anel por hidrólise, transformando o antibiótico em um produto inativo (TAVARES, 1993; SZABÓ, 1997). Esta ação catalítica das beta-lactamases frente aos antimicrobianos é o principal mecanismo molecular que confere resistência das bactérias gram-negativas.

1.4 RESISTÊNCIA ANTIMICROBIANA

De acordo com os trabalhos mostrados por Rodrigues *et al* (2003) e Horta (2003), a resistência bacteriana está sendo alvo de várias pesquisas, tanto em amostras hospitalares como nas comunitárias, onde bactérias multi-resistentes encontram um campo fértil para a sua disseminação.

As enterobactérias são de grande importância no ambiente hospitalar, não apenas por seus fatores de virulência, mas porque podem apresentar resistência a várias classes de antimicrobianos. Estudos de vigilância de resistência aos antimicrobianos em ambiente hospitalar mostram que na América Latina a

resistência em gram-negativos é mais preocupante que em gram–positivos (SADER, 2000). Dentre os vários antimicrobianos usados na terapia contra Gram-negativos, os que apresentam índices mais críticos de resistência são os beta-lactâmicos, as quinolonas, o sulfametoxazol e os aminoglicosídeos. O que dificulta ainda mais a escolha da terapia adequada é o fato de muitas vezes a mesma bactéria apresentar vários mecanismos combinados, sendo resistente a quase todas as classes de antimicrobianos disponíveis (OPLUSTIL *ET AL*., 2001; GALES *ET AL*., 2002a; GALES *ET AL*., 2002b; SADER *ET AL*.,2003; SADER, 2000).

1.5 ENTEROBACTÉRIAS

A família *Enterobacteriaceae* envolve microrganismos ubíquos e constituintes da microbiota intestinal normal da maioria dos animais, incluindo seres humanos. Os membros dessa família são bacilos gram-negativos de tamanho médio (0,3 a 1,0 x 1,0 a 6,0 μm). Estes microrganismos são móveis dotados de flagelos peritríquios ou imóveis, não formam esporos e podem crescer rapidamente em condições aeróbias ou anaeróbias, em uma variedade de meios de cultura.

As enterobactérias possuem exigências nutricionais simples, fermentam glicose, reduzem o nitrato, são catalase-positivas e oxidase-negativas. A ausência da atividade de citocromo-oxidase constitui uma importante característica, visto que pode diferenciar as enterobactérias de outros bacilos Gram -negativos fermentadores ou não-fermentadores (O'HARA, 2005).

De todos os microrganismos envolvidos nos diversos mecanismos de penetração e infecção das vias urinárias, as bactérias de maior importância são as da família Enterobacteriaceae que aparecem com uma freqüência considerável dentro de ambientes nosocomiais. Elas produzem uma grande variabilidade de doenças humanas incluindo 30 a 35% de todos os casos de septicemia, mais de 70% das infecções das vias urinárias e muitas infecções intestinais (CASTRO, 2003 CARSON E NARBER, 2004; TRAUTNER E DAUROWCH, 2004).

1.5.1 *Klebsiella pneumoniae*

Konemam *et al* (1997) descreve que o gênero *Klebsiella* recebeu esta designação em homenagem a Edwin Klebs, um microbiologista alemão falecido no século XIX. Descrita por Carl Friedlander e durante muitos anos era conhecida como grande causadora de pneumonia severa, muitas vezes até fatal. As bactérias do seu gênero são bacilos Gram-negativos, saprófitas humanos, colonizando a nasofaringe e o trato gastrintestinal.

Características em meio de cultura revelam um crescimento mucóide muito viscoso, grandes cápsulas polissacarídicas com diâmetro de 3 a 4 mm e ausência de motilidade (Fig 04). De uma maneira geral, em reações bioquímicas estas bactérias produzem lisina por descaboxilação, metabolizam o citrato e revela reação positiva de Voges-Proskauer, além de fermentarem a lactose (KONEMAM, 1997).

1.5.2 *Escherichia coli*

Uma outra espécie bacteriana de extrema importância e a mais utilizada e estudada em pesquisas científicas atualmente é a *Escherichia coli* (Fig 05) (KI-SOO KIL, 1997). O gênero *Escherichia* assim denominado em homenagem a Theodor Von Escherich, que em 1885, descreveu a *Escherichia coli* (KONEMAM, 1997).

A *Escherichia coli* (Fig 05) é um bacilo Gram negativo e que produz em provas bioquímicas, reações positivas para: indol, descarboxilação da lisina e fermentação do açúcar manitol, além de produzir gás a partir da glicose. Os seus isolados em urocultura podem ser preliminarmente identificados pela capacidade de hemolisar em Ágar-Sangue e pela morfologia típica das colônias com "brilho" iridescente em meios diferenciais, como Ágar Teague, e pela positividade da reação do indol (KONEMAM, 1997).

Nas infecções adquiridas a *Escherichia coli* continua sendo a bactéria isolada com maior freqüência em amostras de sangue, feridas e principalmente no trato urinário, sendo a causa mais comum de infecção do trato urinário (ITU) a sua prevalência varia de 85% a 90%. (DE MOÜY, 1994; PHILIPPOM, 1996).

Já nas cidades de São Paulo e Belo Horizonte, trabalhos constataram que das espécies Gram-negativas mais isoladas de infecções hospitalares a *Escherichia coli* e *Klebsiella pneumoniae* foram as principais causadoras destas infecções (GALES *ET AL*., 1997; RESENDE *ET AL*., 1998). Nos Estados Unidos e Europa, estima-se que *Klebsiella* spp. seja responsável por 8% das infecções nosocomiais bacterianas, demonstrando que esta bactéria é um dos patógenos hospitalares mais importantes (SCHABERG *ET AL*., 1991; BERGOGNE-BEREZIN, 1995).

Estas espécies, presentes tanto nas infecções hospitalares como também nas infecções comunitárias, são produtoras de enzimas que conferem resistência antimicrobiana aos beta-lactâmicos denominadas de beta-lactamases. Tais enzimas catalisam a hidrólise do anel beta-lactâmico inativando estes antimicrobianos que impossibilitam uma terapêutica mais eficaz por apresentarem efeitos de resistência a estas drogas (KONEMAM, 1997).

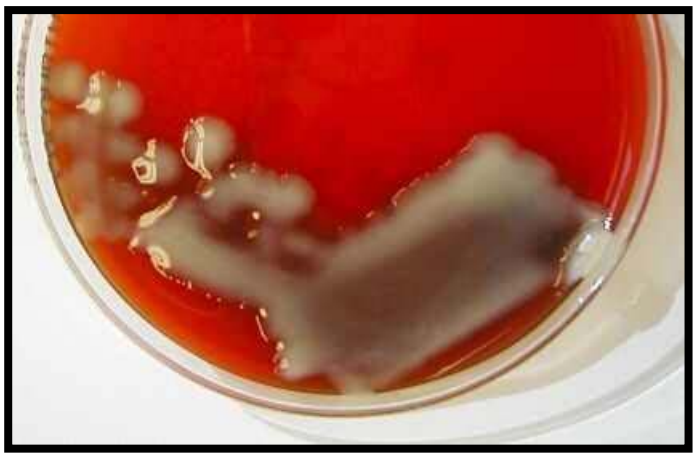


Figura 4 – *Klebsiella pneumoniae* em ágar sangue.
(Foto tirada pelo autor)

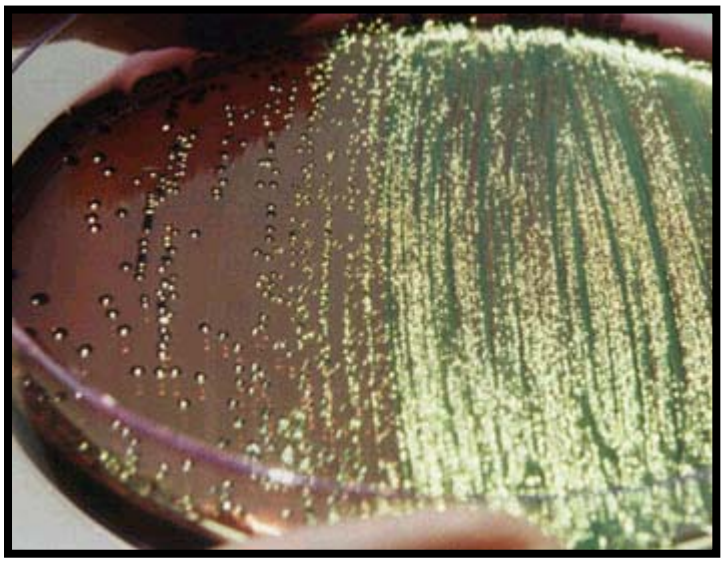


Figura 5 – *Escherichia coli*. em ágar teague
(Foto tirada pelo autor)

1.6 BETA LACTAMASES DE ESPECTRO ESTENDIDO (ESBL)

Com a introdução de novos beta-lactâmicos, observaram-se mudanças nas beta-lactamases. Estas mudanças foram responsáveis pela resistência às novas drogas como as cefalosporinas de largo espectro, carbapenêmicos e combinação de inibidores de beta-lactamases (PITOUT, 1997, DU BOIS *ET AL*., 1995;). Os estudos moleculares de tipagem plasmidial por Sader (1998), sugerem que a disseminação deste tipo de resistência é devida à seleção de cepas resistentes, ocasionadas pelo uso de antimicrobianos em hospitais. A ação hidrolítica das beta-lactamases pode ser bloqueada por inibidores de beta-lactamases, tais como: ácido clavulânico, sulbactam e tazobactam.

1.6.1 ESBL: Origem, Evolução e Enzimas Principais

As cepas produtoras de ESBL (beta-lactamases de espectro estendido) foram inicialmente identificadas na década de 80 na Alemanha por Knother (1983) e logo se tornaram prevalentes na Europa, disseminando-se para todo o mundo (JACOBY, 1991; PHILLIPON, 1989). Em 1985, o primeiro surto hospitalar causado por bactérias produtoras de ESBL ocorreu na França e depois nos EUA, no fim da década de 1980 e início da de 1990. O número de variantes de ESBL identificados tem crescido muito desde 1983, demonstrando a rápida evolução dessas enzimas. Mais de 100 variantes naturais são conhecidas até hoje, e esta lista continua a crescer (SHAH , 2004).

As enterobactérias produtoras de ESBL têm sido isoladas com bastante freqüência em pacientes com infecções do trato urinário provenientes de ambiente hospitalar (DARINI, 1995). Porém, podem ser encontradas em amostras de origem comunitária (SILVA, 2000, ARSLAN *ET AL*, 2005).

1.6.2 Tipos de ESBLs

Das classes importantes de beta-lactamases, as de espectro estendido são produzidas principalmente na família das *Enterobacteriaceae*. As ESBL são um grupo de enzimas de codificação plasmídica, derivadas das beta-lactamases clássicas (TEM-1, TEM-2 e SHV-1) e muitas ESBLs são mutantes destas beta-lactamases clássicas, com

um a quatro aminoácidos substituídos. Essas trocas correspondem a menos de 2% da seqüência da enzima, e são suficientes para remodelar o sítio ativo e torná-lo capaz de hidrolisar cefalosporinas de amplo espectro, tais como as cefalosporinas de 3ª e 4ª geração e também monobactâmicos (BRADFORD, 2001 MENEZES, 2000; THOMSON E MOLAND, 2001).

As pesquisas nos mostram, através de técnicas de biologia molecular, como por exemplo, a reação de polimerização em cadeia (PCR), que foram encontrados mais de 90 subtipos enzimáticos de beta-lactamases originados através de mutações da TEM e 25 subtipos destas enzimas originados da SHV (BRADFORD *ET AL.*, 1995). Elas são provenientes da pressão seletiva em ambientes onde há utilização abusiva de antimicrobianos de amplo espectro (KATSANIS *ET AL*,1995; JARNIER,1998). Existem outras classes de enzimas que já estão aparecendo em cepas resistentes, tais como o: CTX – M e a PER – 1 (COQUE *ET AL.*,2002).

1.6.2.1 ESBL do tipo TEM

A enzima TEM –1 (Fig 08), descrita no início dos anos 60, foi originariamente encontrada em uma cepa de *Escherichia coli* isolada de uma hemocultura em um paciente na Grécia de nome Temoniera, daí sua designação TEM (DATT E KONTOMICHALOU, 1965). A facilidade de transmissão mediada por plasmídeos e transposons facilitou a disseminação da TEM-1 para outras espécies de bactérias. Depois de alguns anos do isolamento da beta-Lactamase TEM-1, ela já havia sido encontrada não só na família *Enterobacteriaceae*, mas em vários gêneros de diferentes de bactérias, tais como: *Pseudomonas aeruginosa*, *Haemophilus influenzae* e *Neisseria gonorrhoeae*. A TEM-1 é capaz de hidrolizar penicilinas e cefalosporinas tais como: cefalotina e cefaloridina (BARTHÉLÉMY, 1985).

A enzima TEM-2, a primeira derivada da TEM-1, teve uma única mudança onde o aminoácido glicina foi substituído pela lisina na posição 39 (Gly39Lys). Na enzima TEM-17 a lisina substitui glutamato na posição 104 (Lys104Glu) (BLAZQUEZ *et al.*, 1995). Estas substituições nos aminoácidos que ocorrem dentro da própria enzima TEM podem ocorrer em um número ilimitado de posições, formando combinações que

resultam em várias alterações sutis nos fenótipos de ESBL (BARTHÉLÉMY, 1985; JACOBY, 1991; BREDFORD *ET AL*.,1995).

1.6.2.2 ESBL do tipo SHV

Outra Beta-Lactamase muito comum mediada por plasmídeos é a SHV-1 (Fig 07), presente em grande numero nas cepas de *Klebsiella pneumoniae*, mas podem ser encontradas em *Escherichia coli*. Esta enzima é responsável por 20% das transmissões plasmidiais que conferem resistência aos beta-lactâmicos de espectro estendido. Ao contrário das enzimas tipo – TEM, existem poucos derivados a SHV – 1. Provavelmente, isso acontece devido às poucas mudanças das posições dentro do gene estrutural. Algumas substituições são essenciais para a hidrólise de ceftazidima e outras para a hidrólise de cefotaxima (TZOUVELEKIS, 1999; BREDFORD *ET AL*., 1995).

A maioria de variantes da enzima SHV que possuem um fenótipo para ESBL é caracterizada pela substituição de glicina por serina na posição 238 (Gly238Ser). Muitas variantes também relacionadas a SHV-5 têm uma substituição de glutamato por lisina na posição 240 (Glu240Lys) na seqüência gênica. O resíduo de serina na posição 238 é crítico para a hidrólise eficiente de ceftazidima, e o resíduo de lisina é crítico para a hidrólise eficiente de cefotaxina (HULETSKY, 1993). A maioria das enzimas SHV são encontradas em várias cepas de *Klebsiella pneumoniae*. Porém, estas enzimas foram encontradas também em cepas de *Citrobacter diversus*, *Escherichia coli* e *Pseudomonas aeruginosa* (RASHEED, 1997; NAAS, 1999)

1.6.2.3 ESBL do tipo CTX

Em 1986, no Japão, Matsumoto *et al* (1988) descobriram uma nova enzima ESBL não-SHV, não-TEM, designada FEC-1 em um isolado de *Escherichia coli* resistente a cefotaxima de uma amostra da flora fecal em um laboratório canino que,

posteriormente, foram realizadas estudos farmacocinéticos frente aos antibióticos beta lactâmicos.

No final da década de 80, na Alemanha, Bauernfeind *et al* (1990) reportaram que em um isolado clinico de *Escherichia coli* resistente a cefotaxima não produtores de TEM e de SHV, uma nova enzima ESBL designada de CTX-M-1 (Fig 08), em referência a atividade hidrolítica contra a cefotaxima. Ao mesmo tempo, houve um aparecimento de cepas de *Salmonella* resistentes a cefotaxima na América do Sul mas também foram descritas em outras espécies da família das *Enterobacteriacea* (BAUERNFEIND *ET AL*, 1992).

Estas ESBLs são responsáveis pelo alto nível de resistência tanto a cefotaxima quanto a ceftazidima observada nestas regiões, mostrando uma grande atividade hidrolítica frente a estas drogas. Elas incluem as enzimas de CTX-M-tipo, CTX-M-1 (antigamente chamado MEM-1), CTX-M-2 e CTX-M-10 (BONNET, 2000).

As ESBLs da família CTX-M contêm 291 resíduos de aminoácidos, na qual confere uma massa molecular de aproximadamente de 28 kDa. (BONNET, 2004). Tudo indica que os aminoácidos glicina e prolina nas posições 240 e 167 estão envolvidos na evolução das enzimas do tipo CTX-M. As CTX-M-15, CTX-M-27, e CTX-M-16, que derivam da CTX-M-3, CTX-M-9, e CTX-M-14, respectivamente, tem uma substituição de glicina pelo ácido aspártico na posição 240 (Gly240Asp) que conferem um eficiente efeito catalítico contra a ceftazidima (BONNET *ET AL*, 2001; BONNET *ET AL*, 2003) A CTX-M-19, que deriva da CTX-M-18 tem uma substituição da prolina pela serina na posição 167, é uma CTX-M atípica porque possui um baixo K_M contra a ceftazidima do que contra a cefotaxima (BONNET, 2004)

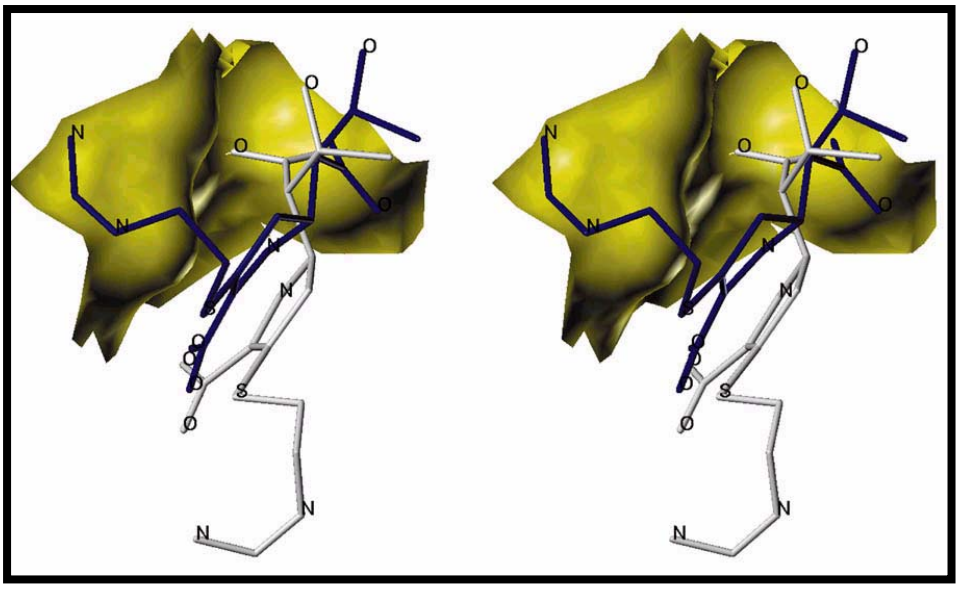


Figura 6 – Estrutura espacial da enzima TEM.
(http://www.ncbi.nlm.nih.gov)

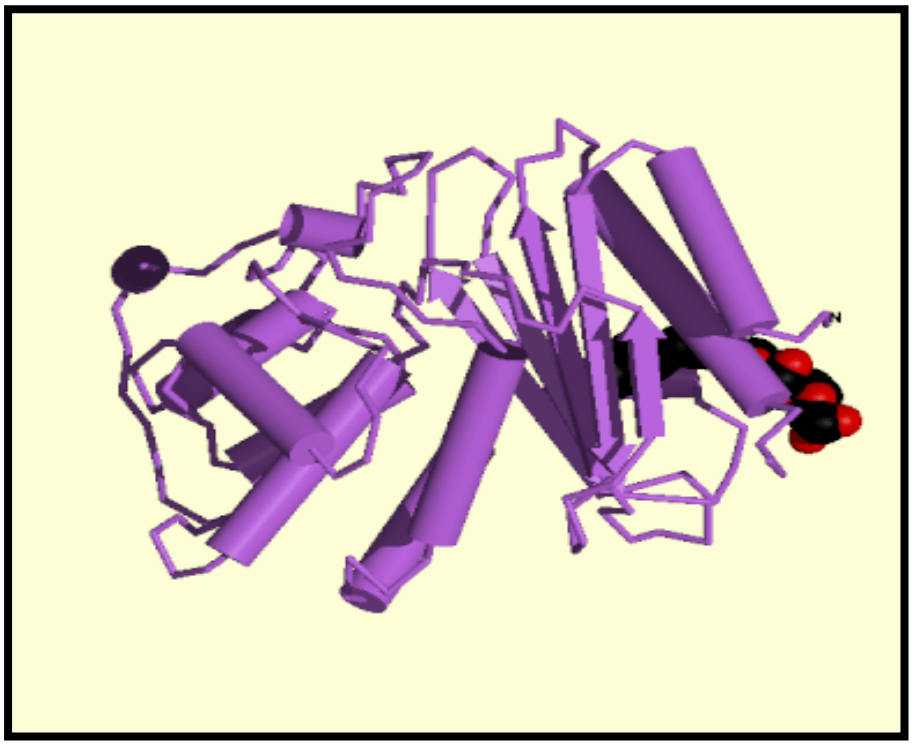


Figura 7 – Estrutura espacial da enzima SHV.
(http://www.ncbi.nlm.nih.gov)

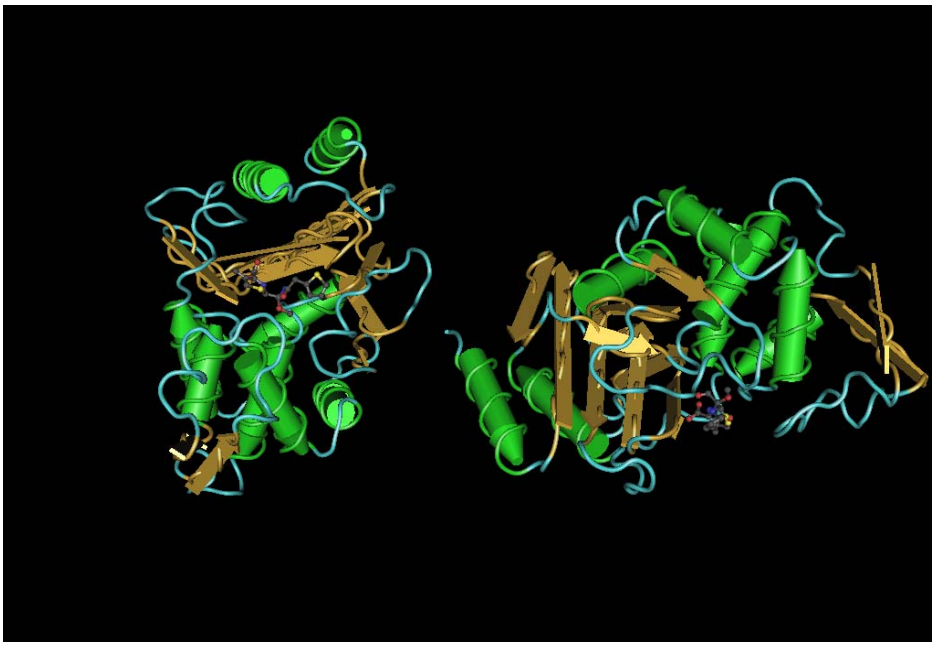


Figura 8 – Estruturas espacial da enzima CTX.
(http://www.ncbi.nlm.nih.gov)

1.7 EPIDEMIOLOGIA

O estudo da evolução biológica das bactérias é necessário para a identificação e monitoramento da sensibilidade aos diversos antibióticos utilizados nos serviços de rotina de diagnostico bacteriológico. Conforme o trabalho realizado por Hsiung (2001), as bactérias adquirem resistência aos beta-lactâmicos de espectro ampliado por causa do uso indevido e abusivo de antibióticos.

As bactérias produtoras de ESBL encontram-se espalhadas pelo mundo, todas com alta incidência na Europa, sendo que 32,8% das amostras de *Klebsiella* spp. e 14,4 % das amostras de *Escherichia coli* isoladas nessa região, produzem ESBL (JONES *ET AL*., 2003). Um estudo realizado na Espanha detectou cepas produtoras de ESBL em 90% dos hospitais participantes de um program a de vigilância (HERNANDEZ *ET AL*., 2003). Vários relatos da produção de ESBL ocorreram também na Itália (PAGANI *ET AL*., 2003; PAGANI *ET AL*., 2002), França (BERTRAND *ET AL*., 2003; GALDBART *ET AL*., 2000; MHAND *ET AL*.,1999; CHAMPS *ET AL*.,2000) e Polônia (GNIADKOWSKI *ET AL*.,1998). Na Ásia várias ocorrências foram descritas em Taiwan (WU *ET Al*., 2003), Israel (NAVON-VENEZIA *ET AL*., 2003) e Korea (KIM *ET AL*., 1998; PAI *ET AL*., 2001; PAI *ET AL*., 1999). E ainda: EUA (SCHAWBER *ET AL*., 2004), Canadá (MULVEY *ET AL*., 2003) e México (SILVA *ET AL*., 2001), entre outros.

As cepas produtoras de ESBL disseminaram-se rapidamente por todo o mundo e, quando estabelecidas em uma região, freqüentemente passam a ser o mecanismo de resistência prevalente. A literatura demonstra muitos casos onde hospitais têm notado rápido aumento no número de microrganismos carreando ESBL, além de disseminação intra-hospitalar ou entre hospitais vizinhos (WINOKUR *ET AL*., 2000). A transmissão pelas mãos dos profissionais é relevante, sendo o trato gastrintestinal dos pacientes um importante reservatório (BRITO *ET AL*., 1999; WINOKUR *ET AL*., 2000). Alguns surtos foram resultantes de contaminação de aparelhos e insumos diagnósticos, como termômetros e gel usado em ultra-sonografia (GNIADKOWSKI, 2001).

Além da transmissão das cepas resistentes ocorre também a aquisição de resistência por cepas susceptíveis (BERTRAND *ET AL*., 2003; SILVA *ET AL*., 2001; RAHAL, 2000). A transmissão horizontal do gene de resistência é facilitada por estar freqüentemente codificado em plasmídeos (WU *ET AL*., 2003; MHAND *ET AL*., 1999), que podem ser facilmente transferidos entre as cepas (PAGANI *ET AL*., 2003; GALDBART *ET AL*., 2000; MULVEY *ET AL*., 2003; PAI *ET AL*., 1999; GALANI, 2002; SZABÓ *ET AL*., 1999).

Em virtude das dificuldades técnicas de detecção, a prevalência de beta-lactamases de espectro estendido é geralmente subnotificada e permanece desconhecida na maioria dos laboratórios de rotina. Estas técnicas possuem algumas limitações, tais como: a hiperprodução de algumas beta-lactamases cromossômicas e o alto custo das técnicas de biologia molecular. Desse modo, a falha na identificação de ESBL através de testes de rotina pode levar a uma utilização inapropriada de cefalosporinas de 3ª geração com conseqüente aumento de mortalidade (CASTRO, 2003; HORTA, 2003).

A pesquisa dentro do laboratório é imprescindível na detecção das enterobactérias produtoras de ESBL e de possíveis surtos nosocomiais. A detecção precoce destas cepas é extremamente importante para instaurar o tratamento adequado e as medidas de isolamento aos pacientes necessários para se evitar a sua disseminação promovendo condutas preventivas de saúde publica (SOUSA, 2003; MENEZES, 2003).

O estudo epidemiológico dos microrganismos causadores de patologias, principalmente, nas vias urinárias produtores de beta-lactamases de espectro estendido (ESBL) e o estabelecimento dos perfis de sensibilidade e molecular frente aos antimicrobianos são aspectos de grande importância para o laboratório.

A sua investigação propiciará identificação da presença de cepas multi-resistentes e dos genes de ESBL envolvidos na resistência a antimicrobianos, fornecendo subsídios para um melhor conhecimento dos determinantes gênicos dos padrões de resistência das bactérias isoladas proporcionando maiores chances de sucesso na conduta terapêutica.

2.0 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a produção de ESBL e os genes SHV, CTX e TEM em isolados de *Klebsiella pneumoniae* e *Escherichia coli* em portadores de infecções de trato urinário em pacientes do Hospital Universitário Oswaldo Cruz.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o perfil de resistência de isolados nas duas espécies de bactérias;
- Comparar a ocorrência de produção de ESBL nestas duas espécies
- Determinar a presença dos genes SHV, CTX e TEM nos isolados das duas espécies de bactérias;

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, E. P. (1940) An enzyme from bacteria able to destroy penicillin. **Nature** 146:837.

ARSLAN, H.; AZAP, O; ERGÖNÜL, O; ET AL (2005) Risk factors for ciprofloxacin resistance among Escherichia coli strains isolated from community-acquired urinary tract infections in Turkey J. Antimicrob. Chemother., v.56, p.914 - 918.

BAUERNFEIND *ET AL* (1992) A new plasmidic cefotaximase from patients infected with *Salmonella typhimurium*. **Infection,** v. 20, p. 158-163.

BARTHÉLÉMY, M., PÉDUZZI J. AND LABIA, R. (1985) Distinction entre les structures primaires des β-lactamases TEM-1 et TEM-2. **Ann Inst Pasteur Microbiol** v. 136A, p. 311–321.

BERGOGNE-BEREZIN, E.; (1995) Nosocomial infections: news agents, incidence, prevention. **Press Medicine**, v.24, p. 89-97.

BERTRAND, X. ET AL. (2003) Molecular Epidemiology of *Enterobacteriaceae* producing extended-spectrum beta-lactamasein a French university-affiliated hospital. **International J of Antimicrobial Agents**, v. 22, p.128-133.

BLAZQUEZ, J.; MOROSINI, M.I.; NEGRI, M.C.; LEIZA, M.G. AND BAQUERO, F. (1995) Single Amino Acid Replacements at Positions Altered in Naturally Occurring Extended-Spectrum TEM b-Lactamases. **Antimicrob. Agents Chemother**, v39, p. 145-149

BORNET, C. *ET AL.* (2003) Imipenem and expression of multidrug efflux pump in *Enterobacter aerogenes.* **Biochem and Biophys Res Commun**, v. 301, p. 985-990.

BONNET, R. (2004) Growing group of extended-spectrum beta-lactamases: the CTX-M enzymes. **Antimicrob Agents and Chemother,** v. 48, p. 1–14.

BONNET, R.; SAMPAIO, J.L.M.; LABIA, R. *ET AL* (2000) A novel CTX-M β-lactamase (CTX-M-8) in cefotaximeresistant *Enterobacteriaceae* isolated in Brazil. **Antimicrob Agents Chemother**, v. 44, p. 1936–1942.

BRADFORD, P. A. (2001) Extended-spectrum beta-lactamases in the 21st century: caracterization, epidemiology, and detection of this important resistance threat. **Clin Microbiol Rev**, v. 14, p. 933-951.

BRADFORD, P. A., URBAN, C.; JAISWAL, A.; MARIANO, N. *ET AL* (1995) SHV-7, a novel cefotaxime-hydrolyzing β-lactamase, identified in *Escherichia coli* isolates from hospitalized nursing home patients. **Antimicrob. Agents Chemother**, v. 39, p. 899–905.

BRITO, D. V. D. *ET AL*. (1999) An outbreak of nosocomial infection caused by ESBLs producing *Serratia marcescens* in a Brazilian neonatal unit. **The Brazilian J of Infect Diseases,** v. 3, p. 149-155.

CARSON, C.; NARBER K. G. Role of fluorquinolones in treatment of serious bacterial urinary tract infections. **Drugs,** v. 64, p. 1359-1373, 2004.

CARVALHO, F.M.G., SIEBRA, J.S.B.G. (2003) Caracterização Molecular de *Escherichia coli* em infecções urinárias hospitalares. **Monografia de Especialização**, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Pernambuco.

CASTRO, L.V.; CAMPOS L. C; ARAÚJO M.R.B. *ET AL;* (2003) Comparação da eficácia de diferentes métodos microbiológicos no diagnostico laboratorial de Enterobactérias. **XXX Cong. Bras. Anál Clín.**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Análises Clínicas.

CHAMPS, C. DE *ET AL*. (2000) Clinical relevance of *Proteus mirabilis* in hospital patients: a two year survey. **Journal of Antimicrobial Chemoterapy,** v. 45, p. 537-539.

COQUE, T.M.; OLIVER, A; PÉREZ-DÍAZ, J.C.; BAQUERO, F.; CANTÓN, R. (2002) Genes encording TEM-4, SHV-2 and CTX-M-10 extended-spectrum beta-lactamases are carried by multiple *Klebsiella pneumoniae* clones in a single hospital (Madrid, 1989 to 2000). **Antimicob. Agents Chemother,** v.46, p. 500-510.

DARINI, A.L.C.; (1995) Tipagem fenotípica e genotípica de amostras de *Enterobacter clocae* responsáveis pelas infecções hospitalares. Ribeirão Preto. 135p (**T. de Doutorado**), Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

DATT, N.; KONTOMICHALOU, P. (1965) Penicillinase synthesis controlled by infectious R-factor in *Enterobacteriaceae,* **Nature**, v. 208, p. 239-241.

DE MOÜY, D.; CAVALLO, J. D.; FABRE, R. *ET AL*. (1995) Les entérobactéries isolées d'infections urinaires em pratique de ville: étude. AFORCOPIBIO. **Méd Mal Infect**, v.27, p. 642-645.

DE MOÜY, D.; LEPARGNEUR J.P; AURIOL J.C *ET AL* (1994) Evolution des frequencies d'isolement et de la résistance des souches d'*Escherichia coli* isolés d'infection urinaires em pratique de ville de 1986 à 1993. **Méd Mal Infect,** v. 24 spécial, p. 539-542.

DU BOIS, S.K.; MARRIOT, M.S.; AMYES, S.G.B.; (1995) TEM and SHV-derived extendes spectrum beta-lactamases: relationship between selection, structure and funcion. **J Agents Chemother,** v. 35, p. 7-32.

GALANI, I. *ET AL.* (2002) Transferable plasmid mediating resistance to multiple antimicrobial agents in *Klebsiella pneumoniae* isolates in Greece. **Clin Microbiol and Infect,** v. 8, p. 579-588.

GALES, A. C.; SADER, H. S.; JONES, R. N. (2002 a) Respiratory tract pathogens isolated from patients hospitalized with suspected pneumonia in Latin American: frequency of occurrence and antimicrobial susceptibility profile: results from the SENTRY antimicrobial surveillance program (1997-2000). **Diag Microbiol and Infect Diseases**, v. 44, p. 301-311.

GALES, A. C.; SADER, H. S.; JONES, R. N. (2002 b) Urinary tract infection trends in Latin América: report from the SENTRY antimicrobial surveillance program (1997-2000). **Diag Microbiol and Infect Diseases**, v. 44, p. 289-299.

GHUYSEN, J. M. (1993) Serina beta-lactamasesando penicillin-binding proteins **Ann Rev Microbiol**, v. 45, p. 37-67.

GNIADKOWSKI, M. *ET AL.* (1998) Cefotaxime-resistant *Enterobacteriaceae* isolates from a hospital in Warsaw, Poland: identification of a new CTX-M-3 cefotaxime-hydrolysing beta-lactamase that is closely related to the CTX-M-1/MEN-1 enzyme.**Antimicrob Agents and Chemother,** v. 42, p. 824-832.

GNIADKOWSKI, M. *ET AL*. (2001) Evaluation and epidemiology of extended-espectrum beta-lactamases (ESBLs) and ESBL-producing organims. **Clinical Microbiology and Infection,** v. 7, p. 597-608.

HERNANDEZ, J. R. *ET AL.* (2003) *Escherichia coli* y *Klebsiella pneumoniae* productores de betalactamasas de espectro extendido en hospitales españoles (Proyecto GEIH-BLEE 2000). **Enferm Infecc Microbiol Clin,** v. 21, p. 77-82.

HORTA, J.A.; (2003) Prevalência e caracterização de isolados de origem ambulatorial produtores de beta lactamases de espectro estendido (ESBL) na região de Santa Cruz do Sul, RS. **XXX Cong. Bras. de Anal. Clín.** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Análises Clínicas.

HORTA, J.A; (2003) Prevalência de patógenos bacterianos e perfil de sensibilidade aos antimicrobianos em uroculturas de amostras comunitárias. **XXX Cong. Bras. Anal. Clín.** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Análises Clínicas.

HSIUNG, Y.J.; (2001) Avaliação de métodos para detecção de bactérias produtoras de ß-lactamases de espectro ampliado (ESBL) no ambiente hospitalar e na comunidade. 95 p. 2001. **Dissertação** (Mestrado em Patologia Clínica) – São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

JACOBY, G. A.; MEDEIROS, A. A.; (1991) More extended-spectrum beta-lactamases. **Antimicrob. Agents Chemother** v. 35, p 1697-1704.

JONES, R. N. *ET AL.* (2003) Antimicrobial activity against strains of *Escherichia coli* and *Klebsiella* spp with resistance phenotypes consistent with extended-spectrum beta-lactamases in Europe. **Clin Microbiol and Infect,** v. 9, p. 708-712.

KIM, J. *ET AL.* (1998) Survey of *Klebsiella pneumoniae* strains producing extendedspectrum beta-lactamases: prevalence of SHV-12 and SHV-2a in Korea. **J of Clin Microbiol,** v. 36, p. 1446-1449.

KNOTHE, H. *ET AL.* (1983) Transferable resistance to cefotaxime, cefoxitin, cefamandole e cefuroxime in clinical isolates of *Klebsiella pneumoniae* and *Serratia marcescens.* **Infect**, v. 11, p. 315-317.

KONEMAM, E.; ALLEN, D.; JANDA, M. *ET AL.*; (1997) **Diag. Microbiol**. In: *Enterobacteriaceae*. Philadelphia: J. B. Lippincott Company.

LIVERMORE, D. M. *ET AL.* (2001) Activiy of ertapenem (MK-0826) versus *Enterobacteriaceae* with potent beta-lactamases. **Antimicrobial Agents and Chemoterapy**, v. 45, p. 2831-2837.

LIVERMORE, D. M. (1995) Beta-Lactamases in laboratory and clinical resistance. **Clin Microbiol Rev,** v. 8, p. 557-584.

LIVERMORE, D.M. (1991) Mecanisms of resistence to beta-lactam antibiotics. **Scand J Infect Diseases,** v.78, p. 7-16.

LIVERMORE, D. M. (1991) Beta-lactamases of *Pseudomonas aeruginosa.* **Antibiotic Chemother**, v. 44, p. 215-220.

MENEZES, C.H.P; (2000) Beta-lactamases de Espectro Estendido: definições, importância clínica e detecção laboratorial. **Rev. Bras. Anal. Clin.**, 32(3): 215-219.

MHAND, R. A. *ET AL.* (1999) Characterization of extended-spectrum beta-lactamasesproducing *Salmonella thyphimurium* by phenotypic typing methods. **J. of Clin Microbiol,** v. 37, p. 3769-3773.

MULVEY, M. R. *ET AL.* (2003) Characterization of the first extended-spectrum beta-lactamase-producing *Salmonella* isolate identified in Canada. **J. of Clin Microbiol,** v. 41, p. 460-462.

NAAS, T., PHILIPPON, L.; POIREL, L. (1999). An SHV-derived extended-spectrum β-lactamase in *Pseudomonas aeruginosa*. **Antimicrob. Agents Chemother**,v. 43, p. 1281–1284.

NAVON-VENEZIA, S. *ET AL*. (2003) Occurrence and phenotypic caracteristics of extended-spectrum beta-lactamases among members of the family *Enterobacteriaceae* at the Tel-Aviv medical center (Israel) and evaluation of diagnostics tests. **J. of Clin Microbiol,** v. 41, p. 155-158.

NETTO JR, N.R. (2001) **Urologia: Fundamentos para o clínico**. São Paulo, Sarvier.

O´HARA C. M. (2005) Manual and automated instrumentation for identification of *Enterobacteriaceae* and others aerobic gram -negative bacilli. **Clin Microbiol Rev**, v. 18, p. 147-162.

OPLUSTIL, C. O. *ET AL*. (2001) Multicenter Evaluation of resistance patterns of *Klebsiella pneumoniae*, *Escherichia coli, Salmonella* spp and *Shigella* spp isolated from clinical specimens in Brazil: RESISTNET Surveillance Program. **The Brazilian J. of Infec Diseases,** v. 5, p. 8-12.

PAGANI, L. *ET AL.* (2002) Emerging extended-spectrum beta-lactamases in *Proteus mirabilis*. **J of Clin Microbiol,** v. 40, p. 1549-1552.

PAGANI, L. *ET AL.* (2003) Multiple CTX-M-type extended-spectrum beta-lactamases in nosocomial isolates of *Enterobacteriaceae* from a hospital in Northern Italy. **J of Clin. Microbiol,** v. 41, p. 4264-4269.

PAI, H. *ET AL.* (2001) Identification of CTX-M-14 extended-spectrum beta-lactamase in clinical isolates of *Shigella sonnei, Escherichia coli* and *Klebsiella pneumoniae* in Korea. **J of Clin Microbiol,** v. 39, p. 3747-3749.

PAI, H. *ET AL.* (1999) Survey of extended-spectrum beta-lactamases in clinical isolates of *Escherichia coli* and *Klebsiella pneumoniae:* prevalence of TEM-52 in Korea. **J. of Clin Microbiol,** v. 37 (6), p. 1758-1763.

PEÑA, C. *ET AL*. (2001) An outbreak of hospital-acquired *Klebsiella pneumoniae* bacteraemia, including strains producing extended expectrum beta-lactamase. **J of Hosp Infec**, v. 47, p. 53-59.

PITOUT J.D.; (1997) Antimicrobiol resistance with focus on beta-lactam resistance in gram-negative bacilli. **Am J Med,** v. 103 p. 51-9.

PHILLIPON, A.; LÁBIA, R.; (1989) Extended-spectrum beta-lactamases. **Antimicrob. Agents Chemother**, v. 33, p. 1131-1136.

PHILLIPON, A.; ARLET G.; LAGRANGE P.H.; (1996) *Escherichia coli*: fréquence de résistence et évolution à divers antibiotiques urinaires dont la fosfomycine em milieu hospitalier (11816 souches, 1991 – 1995). **Med Mal Infect**; v. 26: p.539-541.

RAHAL, J. J. (2000) Extended-spectrum beta-lactamase: how big is the problem? **Clin Microbiol and Infec** v. 6, p. 2-6.

RASHEED, J. K., JAY,C.; METCHOCK, B.; BERKOWITZ, F. *ET AL.*; (1997) Evolution of extended-spectrum β-lactam resistance (SHV-8) in a strain of *Escherichia coli* during multiple episodes of bacteremia. **Antimicrob Agents Chemother**, v. 41, p. 647–653.

RODRIGUES, M.M.L *ET AL.*;(2003) Perfil de Susceptibilidade do *Staphylococcus aureus* e *Enterococcus sp.* no Laboratório de Patologia Clínica de Maceió. **XXX Cong. Bras de Análises Clínicas**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Análises Clínicas.

SADER, H. S. (2000) Antimicrobial resistance in Brazil: Comparison of results from two multicenter studies. **The Brazilian J of Infec Diseases**, v. 4, p. 91- 99.

SADER, H. S. *et al.* (2003) Four-year evaluation of frequency of occurrence and antimicrobial susceptibility patterns of bacteria from bloodstream infection in Latin American medical centers. **Diag Microbiol and Infec Diseases,** v. 44, p. 273-280.

SADER C.; (1998) Detection of extended-spectrum-β-lactamase producing members of the family *Enterobactericeae* with the vitek ESBL test. **J. Clin. Microbiol.**. 34 (12): 2997-3001.

SCHWABER, M. J. *ET AL.* (2004) Utility of NCCLS guidelines for identifying extended-spectrum beta-lactamases non-*Escherichia coli* and non-*Klebsiella* spp. of *Enterobacteriaceae.* **J of Clin Microbiol,** v. 42, p. 294-298, 2004.

SHAH, A.A. *ET AL.* (2004) Characteristcs, epidemiology and clinical importance of emerging strains of gram-negative bacilli producing extended-spectrum beta-lactamases. **Research in Microbiol**, v. 155, p. 409-421.

SHERABI, A. A. *ET AL.* (2000) Hight incidence of *Klebsiella pneumoniae* clinical isolates to extended-spectrum beta-lactam drugs in intensive care units. **Diag Microbiol and Infect Diseases**, v. 36, p. 53-56.

SINGH, N. *ET AL.* (2002) Risk of resistant infections with *Enterobacteriacea* in hospitalized neonates. **Ped Infec Diseases,** v. 21, p. 1029-1033.

SCHABERG, D.R.; CULVER, D.H.; GAYNES, R.P.; (1991) Major trends in the microbial etiology of nosocomial infection. **Am. J. Med.**, 91: 72S-75S.

SILVA, C.H.P.M; SALVINO, C.R.; (2000) Importância do reconhecimento das Enterobactérias hospitalares Produtoras de Beta-Lactamase de Espectro Estendido (ESBL) e suas Implicações Terapêuticas. **NewsLab.** 41: 104 – 112.

SILVA, J. ET AL. (2001) Outbreak of infection with extended-spectrum beta-lactamase producing *Klebsiella pneumoniae* in a Mexican hospital. **J of Clin Microbiol**, v.39, p. 3193-3196.

SOUSA JR., M.A.; FERREIRA, E. S.; CONCEIÇÃO, G.C.; (2003) Importância da Detecção de Beta-lactamases de Espectro Ampliado (ESBL) em Laboratórios de Microbiologia Clínica. **XXX Cong. Bras. Anal. Clín.** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Análises Clínicas.

SZABÓ, D. *ET AL.* (1999) Molecular epidemiology of a cluster of cases due to *Klebsiella pneumoniae* producing SHV-5 extended-spectrum beta-lactamase in the premature intensive care unit of a Hungarian hospital. **J of Clin Microbiol,** v. 37(12), p. 4167-4169.

SZABÓ, D.R.B.; (1997) Externded-spectrum b -lactamases: an actual problem of hospital microbiology. **Acta Microbiol. Immun Hung.** 44 (4): 309-325.

TAVARES, W.; (1993) **Manual de antibióticos e quimioterápicos antiinfecciosos**. São Paulo: Atheneu.

THOMSON, K.S.; MOLAND, E. S.; (2001) Cefepime, Piperacillin-Tazobactam, and the Inoculum Effect in Tests with Extended-Spectrum beta-lactamase-Producing Enterobacteriaceae. **Antimicrob. Agents and Chemother:** 3548–3554

TRAUTNER, B. W.; DAUROWCH, R. O. (2004) Role of biofilm in catheter-associated urinary tract infection. **Amer J Infect.Control,** v. 32, p. 177-183.

TZOUVELEKIS, L. S., BONOMO, R. A; (1999) SHV-type β-lactamases. **Curr. Pharm. Des.** 5:847–864.

WINOKUR, P. L. *ET AL*. (2000) Russian *Klebsiella pneumoniae* isolates that express extended-spectrum beta-lactamases. **Clin Microbiol and Infect** , v. 6, p.103-108.

WU T. *ET AL.* (2003) Dissemination of extended-spectrum beta-lactamase producing *Enterobacteriaceae* in pediatric intensive care units. **J of Clin Microbiol,** v. 41, p. 4836-4838.

SHV, TEM and CTX-type extended spectrum beta-lactamases in *Escherichia coli* and *Klebsiella pneumoniae* isolates from nosocomial and community-acquired urinary tract infections

E. A. M. S. Silva[1], M. A. Vilela[2], K. Lira[2], F. Lira[2], V. L. M. Lima[1] and M. M. C. Morais[2 *]

[1]*Department of Biochemistry, Federal University of Pernambuco, Recife, Brazil*
[2]*Department of Pathology, University of Pernambuco, Recife, Brazil*

Artigo a ser submetido à revista Journal Antimicrobial Chemotherapy.

- Corresponding author:
- Phone: +55 (81) 3421. 1769
- Fax: +55 (81) 3423. 8582
- E-mail: camargo@icb.upe.br

Abstract

Extended spectrum beta-lactamases are already wideworld spreaded, conferring clinical important multi-resistance phenotypes to bacteria harboring those enzymes. Patients with UTIs are mainly infected with *E. coli* and *K. pneumoniae*, the most frequent ESBL producing strains. In this work, we analysed the presence of ESBL producing strains of *E. coli* and *K. pneumoniae* isolated from nosocomial and community- acquired UTIs. Susceptibility patterns and the presence of ESBL genes SHV, TEM and CTX were studied in ESBL positive strains. The results showed that ESBL producing strains were present in 25% of nosocomial and 9.3% of community-acquired UTIs. ESBLs was produced by 12.2% and 18.2 % of *E. coli* and *K. pneumoniae* isolates, respectively. ESBL genes were detected in both nosocomial and community-acquired isolates. All the isolates carrying multiple ESBL genes showed multi-drug resistance phenotypes, which alerts to the necessity of continuous surveillance programs in UTIs.

Key words: ESBL, urinary tract infections, *E.coli, K. pneumoniae*

Introduction

Urinary tract infections (UTIs) are one of the most common infections in both hospital and community environments. Main predictable ethiologic agents related to these infections are *Escherichia coli* and *Klebsiella pneumoniae*. One important concern to these species is the increasing world-wide detection of broad spectrum mechanisms of resistance to beta lactams [1, 2, 3]. Beta lactam agents are the most frequently prescribed antibiotics [1, 4, 5] and the production of different beta lactamases by clinical isolates has been continuosly described in the literature [6, 7]. In such context, many new beta lactamases belong to ESBL group (extended spectrum beta lactamases), enzymes capable of hydrolyse oxyimino-cephalosporins and monobactams, but not cephamycins or carbapenems [1, 8, 9]. ESBL are predominantly identified in *E. coli* and *K. pneumoniae* and ESBL bacteria causing urinary tract infections are clinically relevant due to the restricted options in therapeutic procedures and possibility of failures in empiric prescriptions. ESBLs derived from mutations in TEM and SHV beta lactamases, originating the derivatives TEM and SHV- type ESBLs. However, many other ESBLs have been already described, as CTX, OXA, PER and GES [8, 10]. In Enterobacteriaceas, the most common ESBLs are SHV, TEM and CTX-types [8, 11]. Most of the UTIs caused by ESBL-producing organisms have been reported from inpatients. However, in the last years, reports on ESBL positive strains from community-acquired UTIs had been relevant [12, 13], perhaps due to the carriage by outpatients to community or by multiple courses of antibiotics in the community [14]. One important concern to the fact that usually ESBL genes are present in large plasmids, most of them carring resistance to other antimicrobial agents, such as aminoglycosides, trimethoprim, sulphonamides and chloramphenicol. Thus, the spread of such plasmids could rapidly disseminate multi-

drug resistance strains in the community. In this study, we describe the occurrence of ESBL-producing uropathogens *E.coli* and *K. pneumoniae* in nosocomial and community- acquired UTIs, as well ''describing their associated resistances.

Materials and Methods

Bacterial strains

Consecutive non-duplicated isolates of *E. coli* (43) and *K. pneumoniae* (20) were collected from community-acquired and nosocomial urinary tract infections from inpatients and outpatients of the Oswaldo Cruz University Hospital, Recife, Brazil. Community-acquired criteria was applied to those patients who had not been hospitalized in the last thirty days.

Antimicrobial susceptibility tests

Antimicrobial susceptibilities were determined by disc diffusion method, according to the recommendations of NCCLS [15]. ESBL production was tested by the double disc synergy (DDS) method, using ceftazidime (30μg), cefotaxime (30μg), ceftazidime (30μg) – clavulanic acid (10μg) and cefotaxime (30μg) - clavulanic acid (10 μg) discs, as recommended by NCCLS [15].

Molecular detection of ESBL genes

Primers used in this study are listed in Table 1. DNAs from bacterial strains were used as template for PCR reactions. PCR products were analyzed in 0.9% agarose gels by ethidium bromide staining.

Results and Discussion

Not much studies on ESBL producing organisms which cause UTIs are available from Brazil, especially in community-acquired infections. This study investigated the occurrence of ESBL-producing pathogens among nosocomial and community-acquired UTIs. A total of 43 community-acquired and 20 nosocomial urinary tract infections isolates were evalualed tested by ESBL DDS test. Community-acquired and nosocomial *E. coli* counted to 33 and 9, respectively. For *K. pneumoniae*, the isolates counted to 11 in community-acquired and 11 in nosocomial UTIs. DDS positive results were detected in 14.3% (9/63) of the isolates which were, thus, found in both groups nosocomial (25%) and community-acquired (9.3%) UTIs. All community-acquired DDS positive isolates were from *E. coli*. Therefore confirming this species as the major community-acquired uropathogens [14]. Its is a noteworthy find the presence of ESBL positive isolates among community-acquired UTIs. Although such results are still little reported in the literature, ESBL-producing uropathogens isolated from community-acquired UTIs had been already described [16]. For *E. coli*, Kahlmeter et al. [14] reported a significant correlation between the degree of antimicrobial consumption and the incidence of multi-drug resistant isolates in community-acquired UTIs, which could contribute to the

development of resistance to broad spectrum cephalosporins in the literature. In nosocomial DDS positive cases, *K. pneumoniae* and *E. coli* counted to 4 and 1 isolates respectively. Our results agree with previous studies from Asia and Latin-America that reported high prevalence rates ESBL-producing strains of *K. pneumoniae* from nosocomial urinary tract [17, 18, 19]. ESBL producers were tested for the presence of TEM, CTX and SHV derivatives in order to investigate the dissemination of those enzymes in the microbial population studied, a representative gel is shown in figure 1. Genes encoding TEM-type were detected in 3 of 5 (60%) *E. coli* and in 2 of 4 (50%) *K. pneumoniae*. SHV-type were detected only in *E. coli* isolates, 3 of 5 (60%) and the CTX-type were present in 1 of 4 (25%) *K. pneumoniae* isolates and in 1 of 5 (20%) *E. coli*. Multiple ESBL genes were detected in one isolate of *K. pneumoniae* (CTX, TEM) and two isolates of *E. coli* (TEM, SHV, CTX) the later being the only nosocomial *E. coli* isolate. These findings showed the presence of all the three most common ESBL genes in the microbial population investigated, including the community-acquired uropathogens the most prevalent types were TEM and SHV, as also observed by Ryoo et al. [20]. No detection of SHV-type ESBL in *K. pneumoniae* isolates could be due to the presence of other ESBL genes in such nosocomial isolates which were not investigated in the present work. The ESBL producing isolates showed high rates of resistance toward most of the commonly prescribe drugs for UTIs. In this work, resistance to nalidixic acid, nitrofurantoin, ciprofloxacin, gentamicin, sulfamethoxazol – trimethoprim and chloranphenicol were verifed (table 2). *E. coli* isolates were particularly highly resistance to trimethoprim-sulfamethoxazol, nalidixic acid, ciprofloxacin and chloramphenicol. *K. pneumoniae* isolates showed higer resistance rates to trimethoprim-sulfamethoxazol, nalidixic acid and nitrofurantoin. Its of great

concern the finding that all the isolates carrying multiple ESBL genes showed multi-drug resistance phenotype, possibly due to the association of antibiotic resistance genes in large plasmids [16]. The present data showed that ESBL production was high among the uropathogens studied, although the size of the population investigated must be increased. However, the observations on the occurrence of ESBL genes in the population are very important, especially in community-acquired uropathogens, since they can encourage the rational use of antimicrobial drugs and alert to the necessity of a continuous surveillance on community-acquired UTIs.

References

1 - Jones, R. N. et al. Antimicrobial activity against strains of *Escherichia coli* and *Klebsiella* spp with resistance phenotypes consistent with extended-spectrum beta-lactamases in Europe. *Clin Microbiol and Infect* 2003; **9**: 708-12.

2 - Mulvey, M. R. et al. Characterization of the first extended-spectrum beta-lactamase-producing *Salmonella* isolate identified in Canada. *J of Clin Microbiol* 2003; **41**: 460-62.

3 - Navon-Venezia, S. et al. Occurrence and phenotypic caracteristics of extended-spectrum beta-lactamases among members of the family *Enterobacteriaceae* at the Tel-Aviv medical center (Israel) and evaluation of diagnostics tests. *J of Clin Microbiol* 2003; **41**: 155-58.

4 - Menezes, C.H.P; Beta-lactamases de Espectro Estendido: definições, importância clínica e detecção laboratorial. *Rev. Bras. Anal. Clin* 2000; **32**: 215-19.

5 - Sader, H. S. et al. Four-year evaluation of frequency of occurrence and antimicrobial susceptibility patterns of bacteria from bloodstream infection in Latin American medical centers. *Diagn Microbiol and Infect Dis* 2003;. **44:** 273-80.

6 - Carson, C.; Narber K. G. Role of fluorquinolones in treatment of serious bacterial urinary tract infections. *Drugs* 2004; **64**: 1359-73.

7 - Trautner, B. W.; Daurowch, R. O. Role of biofilm in catheter-associated urinary tract infection. *Amer J Infect.Control* 2004; **32**: 177-83.

8 - Bradford, P. A. Extended-spectrum beta-lactamases in the 21st century: caracterization, epidemiology, and detection of this important resistance threat. *Clin Microbiol Rev* 2001; **14**,:933-51.

9 - Silva, C.H.P.M; Salvino, C.R.; Importância do reconhecimento das Enterobactérias hospitalares Produtoras de Beta-Lactamase de Espectro Estendido (ESBL) e suas Implicações Terapêuticas. *NewsLab* 2000; **41**: 104-12.

10 - Coque, T.M.; Oliver, A; Pérez-Díaz, J.C. et al. Genes encording TEM-4, SHV-2 and CTX-M-10 extended-spectrum beta-lactamases are carried by multiple *Klebsiella pneumoniae* clones in a single hospital (Madrid, 1989 to 2000). *Antimicob. Agents Chemother* 2002; **46:** 500-10.

11 - Bertrand, X. Molecular Epidemiology of *Enterobacteriaceae* producing extended-spectrum beta-lactamase in a French university-affiliated hospital. *Inter J of Antimicrob Agents*, **22**: 128-33.

12 - De Moüy, D.; Cavallo, J. D.; Fabre, R. et al. (1995) Les entérobactéries isolées d'infections urinaires em pratique de ville: étude. AFORCOPIBIO. *Méd Mal Infect* 1995; **27**: 642-45.

13 - Arslan, H.; Azap, O; Ergönül, O et al. Risk factors for ciprofloxacin resistance among *Escherichia coli* strains isolated from community-acquired urinary tract infections in Turkey. *J. Antimicrob. Chemother* 2005**, 56**: 914 - 18.

14 – Kahlmeter, G.; Menday, P and Cars, O. Non-hospital antimicrobial usage and resistance in community-acquired *Escherichia coli* urinary tract infection. *J Antimicrob Chemother* 2003, **52**: 1005-10.

15 – National Committee for Clinical Laboratory Standards. *Performance Standard for Antimicrobial Disk Susceptibility Test – Eighth Edition: Approved Standard M100-S14.* NCCLS, Wayne, PA, USA, 2003.

16 – Nordmann, P and Laurent, P. Emergence of plasmid-mediated resistance to quinolones in *Enterobacteriaceae*. *J Antimicrobial Chemother* 2005, **56**: 463-69.

17 – Tankhiwale, S.; Jalgaonkar S.; Ahamad, S et al. Evaluation of extended spectrum beta lactamase in urinary isolates. *Indian J Med Res* 2004, **120**: 553-56.

18 – Akata F.; Tatman-Otkum M.; Ozkan E. et al. Prevalence of extended spectrum beta lactamases produced by nosocomial isolates of enterobacteriaceae in Trakata University Hospital, Turkey. *New Microbiol* 2003, **26**: 257-62.

19 – Gales, A. C.; Jones, R. N.; Gordon K. A. et al. Activity and spectrum of 22 antimicrobial agents test against urinary tract infection pathogens in hospitalized patiens in Latin America: report from the second year of the SENTRY Antimicrobial Surveillance Program (1998). *J Antimicrobiol Chemother* 2000; **45**: 295-03.

20 – Ryoo, N. H.; Kim, E. C.; Hong S. G. et al. Dissemination of SHV-12 and CTX-M-type extended-spectrum beta-lactamases among clinical isolates of Escherichia coli and Klebsiella pneumoniae and emergence of GES-3 in Korea. *J Antimicrobial Chemother* 2005; **56**: 698-02.

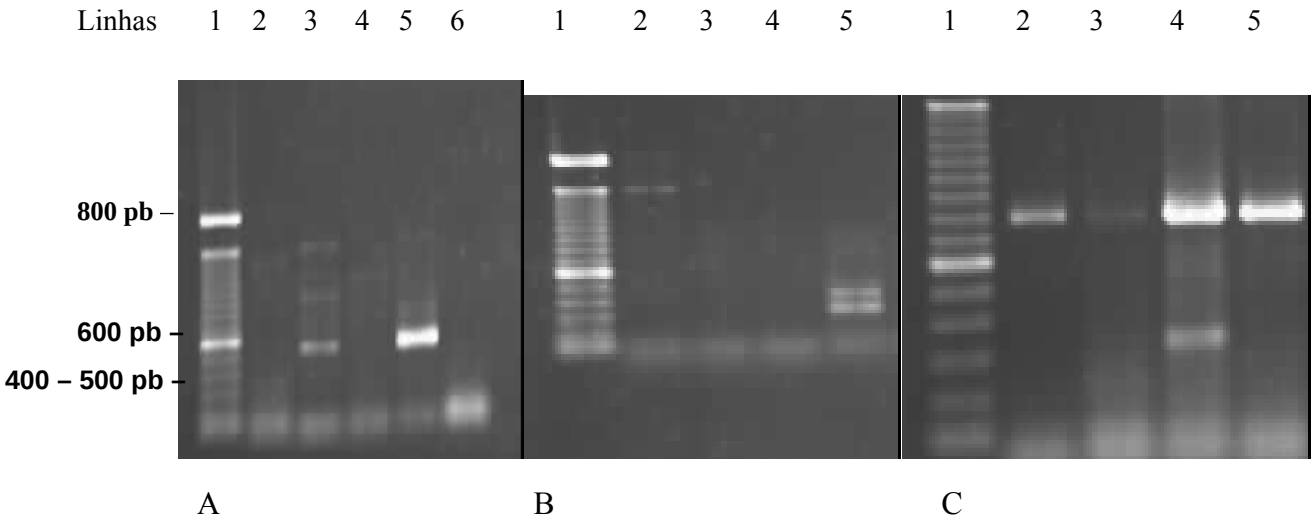
Table 1 – Primers used for ESBL genes detection.

PCR target	Prime name	Oligonucleotide sequence (5' – 3')
bla $_{SHV}$	SHV - F	ATGCGTTATATTCGCCTGTG
	SHV – R	TTAGCGTTGCCAGTGCTCGA
bla $_{TEM}$	TEM – F	TTTTTTGCGGCATTTTGC
	TEM – R	TGTCTATTTCGTTCATCCA
bla $_{CTX}$	CTX – F	ATGGTTAAAAAATCACTGCGCC
	CTX – R	TTACAAACCGTCGGTGACGA

Table 2 – Percentual of resistance showed by ESBL producing uropathogens against antibiotics usually prescribed for UTI

	E. coli		*K. pneumoniae*	
Antimicrobial Agents	Resist (%)	N	Resist (%)	N
Nalidixic Acid	60	5	100	2
Nitrofurantoin	40	5	100	2
Ciprofoxacin	50	4	50	4
Gentamicin	0	2	33	4
Sulfamethoxazole-trimethoprim	100	3	100	4
Chloramphenicol	50	4	75	4

Figure 1. Representative gel showing CTX (A). SHV (B) AND TEM (C) genes detection in urinary tract isolates. CTX, SHV and TEM amplicons showed sizes of 600, 400-500 and 800 bp, respectively. A) Line1: ladder; lines2,4,6: clinical isolates negative for CTX genes; lines 3, 5; clinical isolates positive for CTX genes; B) Line1: ladder; lines 2, 3, 4: clinical isolates negative for SHV genes; line 5; clinical isolate positive for SHV genes; C) Line1: ladder; line3: clinical isolate negative for TEM genes; lines2, 4, 5; clinical isolates positive for TEM genes.


Linhas 1 2 3 4 5 6 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5
800 pb –
600 pb –
400 – 500 pb –
A
B
C

5. CONCLUSÕES

5. CONCLUSÕES

1. Nos casos de infecção urinária estudadas, houve uma ocorrência significante de patógenos produtores de beta lactamases de espectro estendido;
2. Nas infecções urinárias de comunidade, houve uma importante detecção de patógenos produtores de ESBL;
3. Na população investigada, houve uma presença dos três genes de ESBL, principalmente as ESBLs do tipo TEM e do tipo SHV, incluindo nas infecções urinárias em comunidade;
4. Os isolados produtores de ESBL mostraram-se resistentes aos antimicrobianos mais comuns na prática terapêutica. Foi verificado que tanto os isolados de *E. coli* e *K. pneumoniae* apresentaram uma alta resistência aos antimicrobianos.

6. APÊNDICE

6.1. FICHA DE ACOMPANHAMENTO

FICHA DE ACOMPANHAMENTO – ISOLADO BACTERIANO EM INFECÇÕES URINÁRIAS

Nº.

ISOLADO DE: _____ LAB. BACTERIOLOGIA – HUOC
DATA DO ISOLAMENTO: ___/___/_____ DATA DA INTERNAÇÃO: ___/___/_____
PACIENTE:
_____
PRONTUÁRIO Nº.: _____ REGISTRO LABORATÓRIO: _____
LOCAL: _____ IDADE: _____ SEXO: _____
USO PRÉVIO DE ANTIBIÓTICO? SIM ( ) NÃO ( ) QUAL?_____
INFECÇÃO NOSOCOMIAL? SIM ( ) NÃO ( )
O PACIENTE FOI A ÓBITO? SIM ( ) NÃO ( ) QUANDO? ___/___/_____
O PACIENTE RECEBEU ALTA? SIM ( ) NÃO ( ) QUANDO? ___/___/_____

ANTIBIOGRAMA

Nº.	ANTIBIÓTICO		Nº.	ANTIBIÓTICO	
1	Ácido pipemídico		16	Cloranfenicol	
2	Ácido nalidíxico		17	Clindamicina	
3	Nitrofurantoína		18	Pemicilina G	
4	Norfloxacina		19	Oxacilina	
5	Ciprofloxacina		20	Eritromicina	
6	Moxifloxacina		21	Imipenem	
7	Gentamicina		22	Meropenem	
8	Amicacina		23	Teicoplasmina	
9	Amoxicilina + SV3		24	Vancomicina	
10	Ampicilina		25	Sulfa-trim	
11	Piperacilina+Tazo		26	Tetraciclina	
12	Cefalotina		27	Linezolida	
13	Cefoxitina		28	Aztreonam	
14	Cefotaxina		29	Ertapenem	
15	Cefedime		30	Polimixina B	

Legenda: (R) – Resistente; (S) – Sensível; ESBL: Positiva ( )
(X) – Não testado Negativa ( )

OBSERVAÇÕES_____
_____
_____

7. ANEXOS

6.1 NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DA REVISTA JOURNAL ANTIMICROBIAL CHEMOTHERAPY

SUBMISSION OF PAPERS

Where to submit

All material to be considered for publication should be submitted in electronic form via the Journal's online submission system at:
http://mc.manuscriptcentral.com/oup/jac
Given that you can produce a file of your paper through a word processing package of some description, you only need the three following items to access and use the system: access to the website via a web browser, Adobe Acrobat Reader (which can be downloaded free of charge from http://www.adobe.com/) and an e-mail account. For more guidance see the section Online submission details.
In addition to submitting your paper online you should simultaneously provide a written statement, signed by all the authors indicating that you have complied with the stipulations in the Instructions to authors. A copy with the original signatures must be faxed to the Editorial Office as soon as possible after online submission. A blank form is available on the **Instructions and Forms** page of the JAC Manuscript Central website. If at any stage during consideration the authorship of the article changes, the authors must supply a signed statement from ALL the authors (including any whose names are being removed) explicitly indicating the nature of the changes and their agreement.
Be aware that the Journal will NOT publish any article until it has received both:

1. The appropriate author submission letter bearing the necessary original signatures;
2. A copyright licence form bearing an original signature (a fax is NOT acceptable).

Papers in press

In-press and submitted papers that are important for the review of your paper should also be uploaded when you submit your paper online. Authors should be aware of the issues of redundant/duplicate publication. For further information, please see the following Editorial:
Reeves DS, Wise R, Drummond CWE. Duplicate publication: a cautionary tale. *J Antimicrob Chemother* 2004; **53**: 411-2.

Supplementary data

Please note that it is also possible to include files containing supplementary data. The supplementary data (for example large tables of MICs, or a questionnaire) can be lodged with the version of the paper published online as an extra resource for readers. Please contact the Editorial Office if you would like further details.

Assignment of copyright

Papers are considered on the understanding that after acceptance and before publication the authors will grant an exclusive licence to publish to the British Society for Antimicrobial Chemotherapy.

Article format

All documents should be double spaced, with wide margins. A clear, legible single font (which is readily available internationally) and point size should be employed throughout. For symbols, please use the 'insert symbol' function and ONLY select characters from the 'normal text' subset. **All submitted articles should be line numbered (using continuous line numbers). To do this in Word, use File, Page Setup, Layout, Line Numbers and select continuous line numbering. Please DO NOT insert page numbers (as the pdf proof created by the online submission system will automatically be page numbered).**

Original articles and Brief reports must have a structured synopsis. The headings for the structured synopsis are as follows: Objectives, Patients and methods (or Methods), Results, and Conclusions. Authors should also provide 3-5 keywords. Very general terms such as 'bacteria' and 'human' and terms already present in the title should be avoided, as should non-standard abbreviations.

Original articles. There is no length limit for this format; however, papers must be written as concisely as possible. Original articles are divided into the following sections: Synopsis (250 words maximum), Introduction, Materials (or Patients) and methods, Results, Discussion, Acknowledgements and References. Repetition of content between sections must be avoided. A combined Results and Discussion section is acceptable.

Brief reports. These should have the same format as Original articles, but should have no more than two figures/tables, should have a maximum of 10 references and should not exceed 1500 words of text.

Antimicrobial practice. Short articles on topics related to the use of antimicrobials, format as for Brief reports.

Correspondence. Letters on topics of concern or interest in the field of antimicrobial chemotherapy, particularly arising from papers or letters already published in the Journal. These should be addressed to the Editor-in-Chief and must not exceed 800 words, one figure or table and six references.

Case reports. JAC will publish Case reports that are of sufficient calibre and potential importance, and they should be submitted in the form of Correspondence (see above).

Systematic review articles. There is no length limit for this format. They should be summaries of previously published literature that use explicit methods to identify, select and appraise relevant research, and that use appropriate statistical methods to combine the valid studies. They should include a structured synopsis (with appropriate headings; these may differ from the headings used for Original articles etc.).

Review articles. There is no length limit for this format. These generally aim to give an overview of a field suitable for a wide audience, and they should include a synopsis (250 words maximum). Most reviews are invited. We are pleased to consider unsolicited reviews, but authors are encouraged to consult the Editor-in-Chief in advance of writing to avoid duplicating commissioned material.

Leading articles. These are usually in the region of 800-1000 words and may contain the expression of opinion as well as fact. They should address a topical subject, perhaps taking a particular viewpoint and throwing new light on a current debate. A leading article should include a short synopsis (150 words maximum) that should convey the topics and ideas the article covers. Those wishing to contribute a Leading article are encouraged to contact the Editor-in-Chief to discuss their ideas before writing to prevent clashes with any articles already in the pipeline.

STYLE

General

In addition to reading the information provided here, authors should consult a recent issue of the Journal for the layout and conventions used.
The past tense should be used throughout for description of the results of the paper, the present tense should be used when referring to previously established and generally accepted results.
Where possible SI units should be used.

Spelling

British spelling should be used. Spelling should follow that of the *Oxford Dictionary for Scientific Writers and Editors* and where this gives no guidance the *Concise Oxford Dictionary*. Spelling of drug names should conform with that given in the latest edition of the *British National Formulary* (published by the British Medical Association and the Royal Pharmaceutical Society of Great Britain and available online at http://www.bnf.org/webnf/lform1/bnf/index.html).

Abbreviations

Non-standard abbreviations should be defined at the first occurrence and introduced only where multiple use is made. The following abbreviations may be used without definition:

Organizations

- ATCC American Type Culture Collection
- CDC Centers for Disease Control (and Prevention) (USA)
- CDSC Communicable Disease Surveillance Centre (UK)
- HPA Health Protection Agency (UK)
- MRC Medical Research Council (UK)
- NCCLS National Committee for Clinical Laboratory Standards (as of 2005: CLSI Clinical and Laboratory Standards Institute)
- NIH National Institutes of Health (USA)
- WHO World Health Organization

General

- AIDS acquired immunodeficiency syndrome
- AMP, ADP, ATP etc. adenosine 5'-phosphate, adenosine 5'-diphosphate, adenosine 5'-triphosphate
- bp base pair(s)
- BSA bovine serum albumin
- cfu colony-forming unit(s)
- CNS central nervous system
- cpm counts per min
- CSF cerebrospinal fluid
- Da dalton(s)
- DNA, cDNA deoxyribonucleic acid, complementary DNA
- dpm disintegrations per min
- ELISA enzyme-linked immunosorbent assay
- **g** acceleration due to gravity
- h hour(s)
- HEPES 4-(2-hydroxyethyl)-1-piperazine-ethanesulphonic acid
- HPLC high-performance (or high-pressure) liquid chromatography

- ID_{50} 50% infective dose
- IU international unit(s)
- kg kilogram(s)
- L litre(s)
- LD_{50} 50% lethal dose
- m metre(s)
- MBC minimum bactericidal concentration
- MIC minimum inhibitory concentration
- min minute(s)
- MLD minimum lethal dose
- mol. wt molecular weight
- MOPS 4-morpholinepropanesulphonic acid
- nt nucleotide(s)
- *P* probability
- PAGE polyacrylamide gel electrophoresis
- PBS phosphate-buffered saline
- PCR polymerase chain reaction
- PFGE pulsed-field gel electrophoresis
- pfu plaque-forming unit(s)
- ppm parts per million
- RNA ribonucleic acid
- rpm revolutions per min
- RT-PCR reverse transcriptase PCR
- s second(s)
- SDS sodium dodecyl sulphate
- sp./spp. species (singular)/species (plural)
- Tris 2-amino-2-hydroxymethylpropane-1,3-diol
- U unit(s)

Dosage and routes of administration

Dosage frequencies should be given in full in English at each occurrence. Abbreviations are not permitted. Routes of administration other than intramuscular (im) and intravenous (iv), which may be abbreviated after definition, should be given in full in English.

Pharmacokinetics

- AUC area under the concentration-time curve
- $AUC_{0\text{-}24}$ and $AUC_{0\text{-}\infty}$ AUC from 0-24 h and AUC from 0 h to infinity
- CL clearance
- CL_{CR} creatinine clearance
- CLN_R non-renal clearance
- CL_R renal clearance
- C_{max} maximum concentration of drug in serum
- k_{el} elimination rate constant
- k_{ss} residence rate constant at steady state
- $t_{½}$ half-life
- T_{max} time to maximum concentration of drug in serum
- *V* volume of distribution
- V_{max} maximum rate of metabolism
- V_{ss} volume of distribution at steady state

Pharmacodynamics

For acceptable abbreviations and their definitions please refer to the article by Mouton et al. [Mouton JW, Dudley MN, Cars O, Derendorf H & Drusano GL. Standardization of pharmacokinetic/pharmacodynamic (PK/PD) terminology for anti-infective drugs. *Int J Antimicrob Agents* 2002; **19**: 355-8.]

Antimicrobial agents

Abbreviations of antimicrobial agents are only permitted in Tables and Figures, provided that they are defined in the legends. Please use the following abbreviations:

Antibacterial agents

- amikacin AMK
- amoxicillin AMX
- ampicillin AMP
- ampicillin/sulbactam SAM
- azithromycin AZM
- azlocillin AZL
- aztreonam ATM
- carbenicillin CAR
- cefaclor CEC
- cefadroxil CFR
- cefalexin LEX
- cefalotin CEF
- cefamandole FAM
- cefapirin HAP
- cefazolin CFZ
- cefdinir CDR
- cefditoren CDN
- cefepime FEP
- cefetamet FET
- cefixime CFM
- cefmetazole CMZ
- cefonicid CID
- cefoperazone CFP
- cefotaxime CTX
- cefotetan CTT
- cefoxitin FOX
- cefpodoxime CPD
- cefprozil CPR
- cefradine RAD
- ceftazidime CAZ
- ceftibuten CTB
- ceftizoxime ZOX
- ceftriaxone CRO
- cefuroxime CXM
- chloramphenicol CHL
- cinoxacin CIN
- ciprofloxacin CIP
- clarithromycin CLR
- clinafloxacin CLX
- clindamycin CLI

- co-amoxiclav AMC
- daptomycin DAP
- dicloxacillin DCX
- dirithromycin DTM
- doxycycline DOX
- enoxacin ENX
- erythromycin ERY
- fleroxacin FLE
- fosfomycin FOF
- gatifloxacin GAT
- gentamicin GEN
- grepafloxacin GRX
- imipenem IPM
- kanamycin KAN
- levofloxacin LVX
- linezolid LZD
- lomefloxacin LOM
- loracarbef LOR
- meropenem MEM
- methicillin MET
- mezlocillin MEZ
- minocycline MIN
- moxalactam MOX
- moxifloxacin MXF
- nafcillin NAF
- nalidixic acid NAL
- netilmicin NET
- nitrofurantoin NIT
- norfloxacin NOR
- ofloxacin OFX
- oxacillin OXA
- penicillin PEN
- piperacillin PIP
- piperacillin/tazobactam TZP
- quinupristin/dalfopristin Q/D
- rifabutin RFB
- rifampicin RIF
- rifapentine RFP
- sparfloxacin SPX
- spectinomycin SPT
- streptomycin STR
- teicoplanin TEC
- telithromycin TEL
- tetracycline TET
- ticarcillin TIC
- ticarcillin/clavulanic acid TIM
- tobramycin TOB
- trimethoprim TMP
- trimethoprim/sulfamethoxazole SXT
- trovafloxacin TVA
- vancomycin VAN

β-lactamase inhibitors

- clavulanic acid CLA
- sulbactam SUL
- tazobactam TZB

Antifungal agents

- amphotericin B AMB
- clotrimazole CLT
- flucytosine 5FC
- fluconazole FLC
- itraconazole ITC
- ketoconazole KTC
- nystatin NYT
- terbinafine TRB
- voriconazole VRC

Antiviral agents

- aciclovir ACV
- cidofovir CDV
- didanosine ddI
- famciclovir FCV
- foscarnet FOS
- ganciclovir GCV
- indiavir IDV
- lamivudine 3TC
- penciclovir PCV
- ritonavir RTV
- saquinavir SQV
- stavudine d4T
- valaciclovir VCV
- zalcitabine ddC
- zidovudine ZDV

Bacterial nomenclature

When genus and species are given together use a capital letter for the genus and a lowercase letter for the species and italicize both e.g. *Staphylococcus aureus*. After the initial use in the text of the full name of an organism the generic name should then be abbreviated to the initial letter, e.g. *E. coli*.
When the genus is used as a noun or adjective use lowercase roman unless the genus is specifically referred to e.g. 'staphylococci and streptococci' but 'organisms of the genera *Staphylococcus* and *Streptococcus*'.
The name of an order has an initial capital but is not italicized, e.g. Enterobacteriaceae. For genera in the plural, use lowercase roman, e.g. salmonellae.
When the species is used alone use lowercase e.g. viridans streptococci. For trivial names, use lowercase roman e.g. meningococcus.
Authors should use bacterial names present in the *Approved List of Bacterial Names, Amended Edition* (1989), Skermanm, V.B.D, McGowan, V. & Sneath, P.H.A., Eds, ASM Press, Washington, DC, USA (ISBN 1-55581-014-4), with subsequent alterations validly published by announcement in Validation Lists of the *International Journal of Systematic and Environmental Microbiology* (formally the *International Journal of Systematic Bacteriology*). A full list of validly published bacterial names is given at http://www.bacterio.cict.fr/allnames.html

Genetic and amino acid nomenclature

Bacterial genetics. Genotype designations are indicated with italic lowercase three-letter locus codes (e.g. *par*, *his*, *ara*). If several loci are involved in a related function the individual loci are designated by the addition of an uppercase italic letter to the locus code (*parC*, *ompF*).
Phenotype designations (for example the protein product of a bacterial gene) are given in roman type with an initial capital letter (OmpF, LacZ).
Erythromycin gene nomenclature should follow that described in: Roberts MC, Sutcliffe J, Courvalin P, Jensen LB, Rood J & Seppala H. Nomenclature for macrolide and macrolide-lincosamide-streptogramin B resistance determinants. *Antimicrob Agents Chemother* 1999; **43**: 2823-30.
Yeast genetics. Wild-type alleles are all uppercase and italicized (*LEU2*), mutant alleles are all lowercase and italicized (*leu2*), and gene products are capitalized on the first letter and are not italicized (Leu2).
General. Authors should ensure that they confine discussion of changes in amino acid sequence to the context of the protein (e.g. OmpF) and nucleotide changes to the context of the gene (e.g. *ompF*). Please also be aware of the difference between a mutant (a strain with one or more mutations) and a mutation (a change in the sequence of the genetic material).
Amino acids. The full residue names or three-letter abbreviations are preferred in the text (e.g. a methionine residue at position 184 should be symbolized Met-184 or Met^{184}). The single letter codes may be used in figures. Amino acid changes should be designated Met-184®Val, Met^{184}®Val or M184V.
When comparing nucleotide or amino acid sequences authors should exercise care in the use of the term homology. Homology should only be used when a common evolutionary origin is being implied; it is incorrect to give a percentage homology between two sequences. The wing of a bird and the human arm are homologous structures (they are believed to have a common evolutionary origin), homology cannot be quantified. For sequence comparison authors should use the terms identity and similarity. Sometimes 'equivalent' or 'counterpart' is more appropriate than 'homologue'.

FICI data

Fractional inhibitory concentration index (FICI) experiments are performed in order to study drug interactions and they must be interpreted in the following way:
FICI<=0.5 = synergy
FICI>4.0 = antagonism
FICI>0.5-4 = no interaction
For further information please see the following Editorial:
Odds FC. Synergy, antagonism, and what the chequerboard puts between them. *J Antimicrob Chemother* 2003; **52**: 1.

Chemistry

General nomenclature. The IUPAC recommendations on chemical nomenclature should be followed (*IUPAC Compendium of Chemical Terminology* (1987, ISBN 0 632 01767 8, Blackwell Scientific Publications, Oxford). All chemical names are run together except those of acids, acetals, esters, ethers, glycosides, ketones and salts, which are printed as separate words; hyphens are used to separate numbers, Greek letters and some configurational prefixes, e.g. *p*-nitrophenol. Italics are used for certain prefixes, e.g. *cis*-, *trans*- and *N*. Small capitals are used for dextro- and laevo-prefixes, e.g. L
Drugs. Spelling of drug names should conform with that given in the latest edition of the British National Formulary. Chemical or generic names of drugs should be used; trade names may be referred to once only upon first use of the generic or chemical

name. Proprietary symbols (©, ® and ™) should not be used. The content of proprietary formulations should be given if relevant. Generic names should not be abbreviated in the text; abbreviations may be used in Tables if there is limited space. If compounds are referred to by code name or company number either the structure or a reference to a paper illustrating the structure must be given, any previous code names or designations should be given on first use.
Supplier locations are required for all smaller/local suppliers.

References

Authors are responsible for the accuracy of all references, which must be checked against the original material. Reference citations should be restricted to those that are essential for introducing the purpose and context of the paper, describing methods that are not given in detail, and for discussing the results and any relevant issues raised by them. Authors are responsible for ensuring that references are quoted accurately and not taken out of context. References must not be cited in the synopsis. References should be cited in the text using sequential numbers. Superscript numbers should be used and should be placed after any punctuation. When referring to several references, separate individual numerals by a comma or a hyphen for a range greater than two references. For instance: This was first discovered by Jones,[1] and later confirmed by several other groups of investigators.[2,3,5-7]
Papers accepted for publication, but not yet published, may be included in the reference list; they should be listed as 'in press', with the name of the journal and the likely year of publication. Submitted work should be quoted as 'unpublished results'. Personal communications and unpublished results, which are permitted in the text only, must include the initials and surnames of all the workers involved; for the former citation, documentary evidence from the person quoted showing agreement with the quotation must be provided.
All references should be listed numerically at the end of the text. Each reference should be preceded by a number (not superscript) followed by a full stop. Please see the following examples. Failure to conform to Journal style will result in the manuscript being returned to authors.

Examples

Journal reference (<= three authors)
Sanschagrin F, Levesque RC. A specific peptide inhibitor of the class B metallo-B-lactamase L-1 from *Stenotrophomonas maltophilia* identified using phage display. *J Antimicrob Chemother* 2005; **55**: 252-5.
Journal reference (> three authors)
Williams I, Gabriel G, Cohen H et al. Zidovudine-the first year of experience. *J Infect* 1989; **18** Suppl 1: 23-31.
Whole book
Long HC, Blatt MA, Higgins MC *et al*. *Medical Decision Making*. Boston: Butterworth-Heinemann, 1997.
Book chapter
Manners T, Jones R, Riley M. Relationship of overweight to haitus hernia and reflux oesophagitis. In: Newman W, ed. *The Obesity Conundrum*. Amsterdam: Elsevier Science, 1997; 352-74.
NCCLS methods
National Committee for Clinical Laboratory Standards. *Methods for Dilution Antimicrobial Susceptibility Tests for Bacteria that Grow Aerobically-Second Edition: Approved Standard M7-A2*. NCCLS, Villanova, PA, USA, 1990.
Meeting abstract
Hou Y, Qiu Y, Vo NH et al. 23-O derivatives of OMT: highly active against *H. influenzae*. In: *Abstracts of the Forty-third Interscience Conference on Antimicrobial*

Agents and Chemotherapy, Chicago, IL, 2003. Abstract F-1187, p. 242. American Society for Microbiology, Washington, DC, USA.

Online material

References to online material should be given in the reference list. It is important that the date you last accessed the site be included and that you check the site at the proof stage to ensure that the material is still available. Please note that URLs for the suppliers of materials must not be given in either the text or the references. The Journal does not accept any responsibility for the content of web pages cited.

NORM/NORM-VET 2000. Consumption of Antimicrobial Agents and Occurrence of Antimicrobial Resistance in Norway.
http://www.vetinst.no/Arkiv/Zoonosesenteret/NORM_VET_2000.pdf (3 May 2005, date last accessed).

For online-only journals the following reference format should be used:

Health Protection Agency. The third year of regional and national analyses of the Department of Health's mandatory MRSA surveillance scheme in England: April 2001-March 2004. CDR Wkly 2004; 14(29).
http://www.hpa.org.uk/cdr/archives/2004/cdr2904.pdf (28 June 2005, date last accessed).

Tables

These should be employed sparingly and should be generally comprehensible without reference to the text. Each table should be supplied on a separate sheet and numbered consecutively using Arabic numerals in the order they are referred to in the text. Each must have a brief descriptive heading. Column headings must clearly explain the content of the column and indicate any units used. Footnotes should be kept to a minimum.

When preparing tables for submission, use either your word processor's Table function or ensure that items in adjacent columns are separated by a single tab character. Do not use multiple spaces to achieve alignments.

Figures

These must be employed sparingly to demonstrate important specific points. Figures should be numbered using Arabic numerals in the order in which they are referred to in the text. **In figure LEGENDS, symbols should be described in words (e.g. filled circles, open squares etc.)**.

Wherever possible, figures should be two-dimensional. Authors should NOT supply 'three-dimensional' figures unless this is actually necessary to represent the data.

Halftone images (e.g. photomicrographs) must be of high quality; the quality of reproduction in the journal is limited by the quality of the submitted material. Images should be sharply focused and have good contrast. **Colour illustrations can be reproduced if there is sufficient scientific merit in doing so.** Authors will be expected to bear the cost of colour origination by the Journal's printers (the minimum cost will be £350). Alternatively, black and white figures can appear in an article with colour versions made available online as supplementary data (for which there is no charge).

ONLINE SUBMISSION DETAILS

TOP

General

The URL for JAC's online submission and peer review site is:
http://mc.manuscriptcentral.com/oup/jac

Please note that there is an **Online User Guide** (a comprehensive online help system that provides detailed descriptions of every feature and function in Manuscript Central. It also contains printable versions of the user guide, search and index capability, and movie tutorials for basic tasks). It is available from the **Get Help Now** button on the Manuscript Central site.
You will need a User ID and Password in order to access the online submission site. If you are unsure about whether or not you have an account, or have forgotten your password, enter your e-mail address into the **Password Help** section on the right-hand side of the log in screen. If you do not have an account, you can create one by clicking on the **Create Account** link at the top of the log in screen and following the on-screen instructions. If you have problems with your account please do *not* create another account. Please contact the JAC Editorial Office.
Please note that papers submitted via Manuscript Central must be submitted through the account of the corresponding author listed on the paper, not through the account of one of the other authors or the account of a third party who is not on the author list.
All correspondence relating to a submission (e.g. acknowledgement of receipt, communication of decisions etc.) will be sent via e-mail to the corresponding author.

Preparing your manuscript prior to online submission

Prepare your manuscript using a word processing program (please see the Article format section). The journal prefers all manuscripts submitted online to be Microsoft Word files (.doc). During the online submission process these will be converted automatically to .pdf files (for peer review). If you are unable to submit a Word file, you can submit manuscripts in other formats, for example as .pdf, .rtf or .ps files. These last two file types will also be converted into .pdf format on submission. pdf files are readable with Adobe Acrobat Reader, which is available for download (free of charge) from the **Systems Requirements** link on the log in page (as well as from http://www.adobe.com/).
Microsoft Excel spreadsheets may be uploaded and will be converted into .pdf format. Please note that the uploading of PowerPoint files is barred owing to their large size. Powerpoint slides can be saved as .tif, .jpg or .gif files and then embedded in a document and uploaded.
We prefer that authors upload **a single file** containing the complete manuscript (i.e. title page, abstract, text, figures and tables), as this makes the reviewing process easier for Editors and referees. This applies to the original version of the manuscript and any revised versions. **Don't forget to switch on CONTINUOUS line numbering. To do this in Word, use File, Page Setup, Layout, Line Numbers and select continuous line numbering. Please DO NOT insert page numbers (as the pdf proof created by the online submission system will automatically be page numbered).**
Image files should be saved in one of the following formats - Joint Photographic Experts Group (.jpg); Graphics Interchange Format (.gif); Tagged Image File format (.tif); or Encapsulated PostScript (.eps). When inserting figures into your text documents, please make sure any embedded text is large enough to read. Many figures contain miniscule characters such as numbers on a chart or graph. If these characters are not easily readable in your text document, they will most likely be illegible in the .pdf created by the system. Certain image formats such as .jpg and .gif do not have high resolutions, so you may elect to save your figures and insert them as .tif instead.
Please note that authors submitting REVISED manuscripts will be required to provide high-resolution images for publication purposes.
Please use short, simple filenames when saving all your documents, and avoid special characters (such as brackets), punctuation marks and symbols (such as &). Also avoid

spaces in your filenames. If you are a Macintosh user, in addition to using simple, short filenames when saving your documents, you must type the extension at the end of the file name you choose (.doc, .rtf, .jpg, .gif, .tif, .xls, .pdf, .eps, .mov or .qt). During the online manuscript submission process you can also upload any other files you might want the Editor/reviewers to have access to, including in-press and submitted papers.

The online submission process

Before you start

Before starting the online submission process please make sure you have the following available:

- A file with your complete manuscript (i.e. title page, abstract, text, figures and tables) in one of the formats detailed above;
- If the images are not embedded in your text file (preferred), the image files;
- The files for any other supplementary material to be submitted with your manuscript;
- The text of your abstract (can be copied and pasted into the system from your word processor file);
- Where appropriate, the names and e-mail addresses of all contributing authors.

Submitting your manuscript

1. Go to the website at: http://mc.manuscriptcentral.com/oup/jac
2. If you have a User ID and password for the site, log in. If you are unsure about whether or not you have an account, or have forgotten your password, enter your e-mail address into the **Password Help** section on the right-hand side of the log in screen. If you do not have an account, you can create one by clicking on the **Create Account** link at the top of the log in screen and following the on-screen instructions. If you have problems with your account please do not create another account. Please contact the JAC Editorial Office.
3. Once you have logged in, click on the **Author Centre** button (as an author, you will use the **Author Centre** to start the manuscript submission process as well as to track the status of your submitted manuscripts. You can also open recent communications regarding your submission here).
4. On the left-hand side of the **Author Centre Dashboard** you will see links to all of your manuscripts and their current status. The number indicates the number of manuscripts that fall into each status category. Clicking on the name of any of these status categories will refresh the page to show the detailed list for that category at the bottom of the screen. On the right-hand side of the Author Centre Dashboard is the Author Resources area. This section allows you to begin the submission process for a new manuscript as well as view the 10 most recent emails sent to you from the Manuscript Central site.
5. Click on the **Click here to submit a new manuscript** link in the Author Resources area. Clicking on this link will take you to step 1 of the **seven-step process** of submitting a manuscript. The progress bar on the left-hand side of the screen will help you navigate the process.
6. At any stage you can stop the submission process - everything you have typed in to the system will be saved. To continue a submission, click on the **Continue Submission** icon.
7. **The penultimate step in the submission process is to upload your manuscript files.**

- Step 1. Select individual files using the "Browse" buttons and choose the appropriate "File designation".

- Step 2. Upload your files by clicking on the "Upload files" button. This converts your files to PDFs and may take some time. Repeat these steps if you have more than 3 files.
- Step 3. Once you have uploaded all files, indicate the order in which they should appear in your paper.
- Step 4. Inspect the PDF by clicking on a PDF button and if acceptable click "Next". If the files have not been uploaded to your satisfaction you can delete the files you do not want, and repeat the upload/ordering process.

8. The final step in the manuscript submission process is to review all of the information you have entered to this point, and view the PDF proof of the manuscript (if you have not already done so). **My Manuscript Information** lists each step with its filled-in values. If a step is complete, there will be a green tick next to the step. If it is incomplete, there will be a red cross along with a message indicating exactly what is incomplete. Once you have completed the submission process to your satisfaction click on the **Submit** button. It is not until this button is clicked that the manuscript and all of the associated information (i.e. contributing authors, institutions, etc.) is linked together and the manuscript is given a manuscript number.
9. **If your manuscript has been successfully submitted to the Journal you will see a confirmation screen showing your manuscript ID, please make a note of your manuscript ID and use it in all correspondence. You will also receive an e-mail confirming the submission.**
If you do not receive both of these, your manuscript will not have been successfully submitted to the journal and it cannot be progressed through to peer review. If this is the case your manuscript will still be sitting in the **Unsubmitted Manuscripts** section of your **Author Centre** awaiting your attention.
10. Once the manuscript submission is complete, you can follow its progress through the peer review process in the **Submitted Manuscripts** section of your **Author Centre**.

Revising your manuscript

- 1. As with all other decisions, you will be notified of a revision decision by e-mail. Please address the Editor's and reviewers' comments in your revised paper, as well as any comments sent to you by the JAC Editorial Office.
- 2. Log in to the Manuscript Central web site as before and, in the **Author Centre**, click on the **create a revision** link in the **Manuscripts with Decisions** list. This will create a new manuscript record with the same manuscript ID and a ".R1" appended at the end. If a revision is started, the **create a revision** link will no longer appear in the "Manuscripts with Decisions" list, and the list will display the fact that a revision exists and the revision's Manuscript ID. The option will reappear if you delete the revision before it is actually submitted. The draft of the revised manuscript is located in the **Revised Manuscripts in Draft** list. Once you click the **create a revision link**, you will receive a confirmation asking you if you are sure you want to create a new revised manuscript. If you click **Cancel**, the action will be aborted. If you click **OK**, you will be taken to the first step in the revision submission process, the **View & Respond to Comments** step.
- 3. Please enter your detailed response to the decision letter in the box provided.
- 4. Proceed through the remaining submission screens (altering any necessary information along the way, such as manuscript type). When you reach the **File Upload** step revised manuscripts are automatically populated with the files you uploaded with the last version. **PLEASE CHECK VERY CAREFULLY AND DELETE AND REPLACE ANY FILES THAT HAVE CHANGED IN THE REVISION. IF YOU ARE IN ANY DOUBT**

IT IS BEST TO DELETE ALL THE FILES AND UPLOAD THE NEW ONES. Once you have completed the submission process to your satisfaction click on the **Submit** button. If your revised manuscript is successfully submitted you will receive a confirmatory e-mail.

- 5. **It is essential that authors submitting REVISED manuscripts provide high-resolution versions of ALL their figures.** In order for proofs to be produced as quickly and efficiently as possible after acceptance please provide electronic high-resolution images. For further details, please see the link on the **Instructions and Forms** page of Manuscript Central.

Alternatively, although less desirable, please send one set of high-resolution, glossy prints to the *JAC* Editorial Office at the same time that you submit your revised paper.

Support

If you experience any problems during the online submission please consult the **Online User Guide** (available from the **Get Help Now** button on the Manuscript Central site) or contact the *JAC* Editorial Office.

The Journal maintains the right to edit any paper to the extent necessary to achieve clarity and precision of expression and to conform with English usage and the Journal's conventions. Please note that if authors ignore requests to conform with Journal style at the revision stage, these changes may be enforced during copy editing and proof production.

JAC OPTIONAL OPEN ACCESS AND POST-PRINT POLICY

Post-print policy

Optional open access from January 2006

Starting in January 2006, JAC authors will have the **option**, at an additional charge, to make their paper freely available online immediately upon publication, under the *Oxford Open* initiative. This will apply to all article types apart from Leading Articles, which are made freely available online immediately upon publication free of charge. Authors will be asked to choose their favoured mode of publication upon receipt of the accepted manuscript at Oxford Journals, as part of the mandatory licence form required of all corresponding authors. Authors will be asked to indicate whether or not they wish to pay to have their paper made freely available immediately. If they do not select the Open Access option, the paper will be published with standard subscription-based access (i.e. for 12 months the paper will only be available to subscribers after which it will become freely available to all) and the authors will not be charged.
For those selecting the Open Access option, the charges for JAC vary depending on the institution at which the Corresponding author is based (see below). Charges also vary depending on the type of article.

Published on behalf of

- The British Society for Antimicrobial Chemotherapy

Impact factor: 3.611

Editor-in-Chief

Professor D S Reeves

- View full editorial board